



### Índice

Texto 01: Suspensão da assistência dos Espíritos - Junho/1866 .....	2
Texto 02: Identidade dos espíritos nas comunicações particulares - Julho/1866 .....	4
Texto 03: Comunicação com os seres que nos são caros - Agosto/1866 .....	6
Texto 04: Mediunidade de vidência nas crianças - setembro/1866.....	7
Texto 05: As três filhas da Bíblia - fevereiro/1867.....	8
Texto 06: Eugênie Colombe. Precocidade fenomenal - fevereiro/1867.....	10
Texto 07: A Homeopatia nas moléstias morais (reprodução parcial) - março/1867.....	12
Texto 08: Comunicação coletiva (reprodução parcial) - março/1867 .....	15
Texto 09: Atmosfera espiritual - maio/1867.....	16
Texto 10: O jovem Francisco - maio/1867 .....	18
Texto 11: O sentido espiritual - junho/1867.....	21
Texto 12: Nova sociedade espírita de Bordeaux - junho/1867.....	23
Texto 13: Jean Ryzak. A força do remorso - agosto/1867 .....	26
Texto 14: Pressentimentos - novembro/1867 .....	28
Texto 15: Instruções das mulheres - abril/1868 .....	30
Texto 16: Educação de além-túmulo - maio/1868 .....	31
Texto 17: A fome na Argélia (reprodução parcial) - maio/1868.....	33
Texto 18: Fotografia do pensamento - junho/1868.....	34
Texto 19: A fome entre os espíritos (reprodução parcial) - junho/1868.....	36
Texto 20: A ciência da concordância dos números e a fatalidade (reprodução parcial) - julho/1868 .....	38
Texto 21: A geração espontânea e a Gênese (reprodução parcial) - julho/1868.....	40
Texto 22: Proteção do Espírito dos santos patronos - setembro/1868.....	42
Texto 23: A poltrona dos antepassados - setembro/1868 .....	43
Texto 24: O Espiritismo é uma religião? - dezembro/1868 .....	44
Texto 25: O avarento da rua do forno - janeiro/1869 .....	50
Texto 26: Suicídio por obsessão - janeiro/1869.....	51
Texto 27: Obsessões simuladas - janeiro/1869.....	52
Texto 28: Um Espírito que se julga proprietário - fevereiro/1869.....	53
Texto 29: O exemplo é o mais poderoso agente de propagação .....	55



## Texto 01: Suspensão da assistência dos Espíritos - Junho/1866

(Douai, 13 de outubro de 1865)

### Mensagem ditada pelo Espírito Pamphile, protetor do médium

Num grupo modelo, que punha em prática os deveres espíritas, notava-se com surpresa que certos Espíritos de escol, frequentadores habituais, desde algum tempo se abstinham de dar instruções, o que motivou a seguinte pergunta:

P.–Por que os Espíritos elevados, que habitualmente nos assistem, comunicam-se mais raramente conosco?

Resp. – Caros amigos, há duas causas para este abandono de que vos queixais. Em primeiro lugar não é um abandono; é apenas um afastamento momentâneo e necessário. Sois como escolares que, bem instruídos e bem dotados de repetições preliminares, são obrigados a fazer os seus deveres sem o concurso dos professores; buscam na memória; espereitam um sinal, espiam uma palavra de socorro: nada vem, nada deve vir.

Esperais nossos encorajamentos, nossos conselhos sobre a vossa conduta, sobre as vossas determinações: nada vos satisfaz, porque nada vos deve satisfazer. Fostes contemplados com ensinamentos sábios, afetuosos, encorajamentos frequentes, cheios de amenidade e de verdadeira sabedoria; tivestes inúmeras provas de nossa presença, da eficácia da nossa ajuda; a fé vos foi dada, comunicada; vós a tomastes, raciocinastes, adotastes; numa palavra, como o escolar, fostes dotados para o dever. É preciso fazê-lo sem erros, com os vossos próprios recursos, e não mais com o nosso concurso. Onde estaria o vosso mérito? Não poderíamos senão repetir incessantemente a mesma coisa. Cabe-vos agora aplicar o que vos ensinamos. É preciso voar com as próprias asas e marchar sozinho.

Em dado momento, Deus fornece uma arma e uma força a cada homem, a fim de que estes continuem a vencer novos perigos. O momento em que uma força nova se lhe revela é sempre para ele uma hora de alegria, de entusiasmo. Então a fé ardente aceita toda dor sem analisá-la, porque o amor não conta as penas; mas depois destas instantaneidades, que são a festa, é preciso o trabalho, e o trabalho só. A alma acalmou-se, o coração abrandou-se e eis que chegam a luta e a provação; eis o inimigo; é preciso aguentar o choque; é o momento decisivo. Então, que o amor vos transporte e vos faça desprezar a Terra! É preciso que o vosso coração fique vitorioso dos vis instintos do egoísmo e do abatimento; é a prova.

Desde muito tempo vos temos advertido que teríeis necessidade de estreitar os vossos laços, de vos unir, de vos fortalecer para a luta. O momento é chegado, e nele já estais. Como ireis sustentá-la? Nada mais podemos fazer, do mesmo modo que o professor não pode soprar a composição ao aluno. Ganhará o prêmio? Isto depende do proveito que tiver extraído das lições que recebeu. Assim é convosco. Possuis um código de instruções suficientes para vos conduzir até um determinado ponto. Lede novamente essas instruções, meditai-as e não peçais outras antes de as ter aplicado seriamente, pois só nós somos os juízes; e quando chegardes ao ponto em que elas forem insuficientes, em relação ao vosso progresso moral, nós bem saberemos dar-vos outras.

A segunda razão desta espécie de isolamento de que vos queixais é esta: muitos de vossos conselheiros simpáticos têm, junto a outros homens, missões análogas às que, de início, quiseram desempenhar junto a vós; e essa quantidade de evocações de que são objeto muitas vezes os desviam de serem assíduos em vosso grupo. Vossa amiga Madalena desempenha longe um mandato difícil, e suas solitudes, estando junto a vós, alcançam também aqueles a quem ela se sacrifica para salvar. Mas todo o vosso mundo vos voltará; em dado momento reencontrareis os vossos amigos reunidos como outrora, no mesmo pensamento de simpático concurso junto aos seus protegidos. Aproveitai esse tempo para o vosso melhoramento, a fim de que, quando vierem, eles possam dizer: estamos contentes convosco.

Observação de Kardec: Esta comunicação é uma resposta aos que se queixam da uniformidade do ensino dos Espíritos. Se refletirmos no número de verdades que nos ensinaram, veremos que nos oferecem vastíssimo campo à meditação, até que as tenhamos assimilado e deduzido todas as suas aplicações. Que



## Estudo: Revista Espírita de Allan Kardec – Textos Seleccionados (parte IV)

diriam de um doente que diariamente pedisse um novo remédio ao seu médico, sem seguir as suas prescrições? Se os Espíritos não nos ensinam novidades todos os dias, com o auxílio da chave que nos puseram nas mãos, e das leis que nos revelaram, por nós mesmos aprendemos novidades todos os dias, explicando o que, para nós, era inexplicável.

## Texto 02: Identidade dos espíritos nas comunicações particulares - Julho/1866

Por que os Espíritos evocados por um sentimento de afeição muitas vezes se recusam a dar provas certas de sua identidade?

Compreende-se todo o valor ligado às provas de identidade da parte dos Espíritos que nos são caros; esse sentimento é muito natural e parece, desde que os Espíritos podem manifestar-se, que lhes deve ser muito fácil atestar a sua personalidade. A falta de provas materiais, sobretudo para certas pessoas que não conhecem o mecanismo da mediunidade, isto é, a lei das relações entre os Espíritos e os homens, é uma causa de dúvida e de cruel incerteza. Embora tenhamos tratado várias vezes desta questão, vamos examiná-la novamente, para responder a algumas perguntas que nos são dirigidas.

Nada temos a acrescentar ao que foi dito sobre a identidade dos Espíritos que vêm unicamente para a nossa instrução e que deixaram a Terra há algum tempo. Sabe-se que ela não pode ser atestada de maneira absoluta e que se deve limitar a julgar o valor da linguagem.

A identidade só pode ser constatada com certeza para os Espíritos partidos recentemente, cujo caráter e hábitos se refletem em suas palavras. Nestes a identidade se revela por mil particularidades de detalhe. Algumas vezes a prova ressalta de fatos materiais, característicos, mas na maioria das vezes, de nuances da própria linguagem e de uma porção de pequenos nada que, por serem pouco salientes, não são menos significativos.

Muitas vezes as comunicações deste gênero encerram mais provas do que se pensa e que se descobrem com mais atenção e menos prevenções. Infelizmente, na maior parte do tempo não se contentam com que o Espírito quer ou pode dar; querem provas à sua maneira; ou lhe pedem que diga ou faça tal coisa, lembre um nome ou um fato, num momento dado, sem pensar nos obstáculos que, por vezes, a isto se opõem, e paralisam a sua boa vontade. Depois, obtido o que se deseja, muitas vezes querem mais; acham que não é ainda bastante concludente; depois de um fato, pedem outro e mais outro. Numa palavra, nunca são suficientes para convencer. É então que o Espírito, muitas vezes fatigado por essa insistência, cessa completamente de se manifestar, esperando que a convicção chegue por outros meios. Mas muitas vezes, também, sua abstenção lhe é imposta por uma vontade superior, como punição ao solicitante muito exigente, e também como prova para a sua fé, porquanto, se por algumas decepções e por não obter o que quer, viesse a abandonar os Espíritos, esses por sua vez o abandonariam, deixando-o mergulhado nas angústias e torturas da dúvida, felizes quando seu abandono não tem consequências mais graves.

Mas, numa imensidade de casos, as provas materiais de identidade são independentes da vontade do Espírito, e do desejo que este tem de as dar. Isto se deve à natureza, ou ao estado do instrumento pelo qual se comunica. Há na faculdade mediúnica uma variedade infinita de nuances, que tornam o médium apto ou impróprio à obtenção de tais ou quais efeitos que, à primeira vista, parecem idênticos e que, no entanto, dependem de influências fluídicas diferentes. O médium é como um instrumento de cordas múltiplas: não pode dar som pelas cordas que faltam. Eis um exemplo notável:

Conhecemos um médium que se pode classificar entre os de primeira ordem, tanto pela natureza das instruções que recebe, quanto por sua aptidão em se comunicar com quase todos os Espíritos, sem distinção. Diversas vezes, nas evocações particulares, obteve provas irrecusáveis de identidade, pela reprodução da linguagem e do caráter de pessoas que jamais tinha conhecido. Há algum tempo, fez para uma pessoa que acabava de perder subitamente vários filhos, a evocação de um destes últimos, uma menina. A comunicação refletia perfeitamente o caráter da criança e era tanto mais satisfatória quanto respondia a uma dúvida do pai sobre a sua posição como Espírito. No entanto, de certo modo as provas eram apenas morais; o pai achava que outro filho teria podido dizer o mesmo; queria alguma coisa que só a filha pudesse dizer; admirava-se, sobretudo, de que o chamasse pai, em vez do apelido familiar que lhe dava, e que não era um nome francês, conforme a ideia de que se ela dizia uma palavra, podia dizer outra. Tendo o pai perguntado a razão, eis a resposta que, a respeito, deu o guia do médium:

“Conquanto inteiramente desprendida, vossa filhinha não está em condição de vos fazer compreender a razão pela qual não pode fazer o médium exprimir os termos que conheceis e que ela lhe sopra. Ela obedece a uma lei em se comunicando, mas não compreende bastante para explicar o seu mecanismo. A

mediunidade é uma faculdade cujas nuances variam infinitamente, e os médiuns que de ordinário tratam de assuntos filosóficos não obtêm senão raramente, e sempre espontaneamente, essas particularidades que fazem reconhecer a personalidade do Espírito de maneira evidente. Quando os médiuns desse gênero pedem uma prova de identidade, no desejo de satisfazer o evocador, as fibras cerebrais, tensas por seu próprio desejo, já não são bastante maleáveis para que o Espírito as faça mover-se à sua vontade. Daí se segue que as palavras características não podem ser reproduzidas. O pensamento fica, mas a forma não mais existe. Nada há, pois, de surpreendente que vossa filha vos tenha chamado pai, em vez de vos dar a qualificação familiar que esperáveis. Por um médium especial obtereis resultados que vos satisfarão; basta ter um pouco de paciência.”

Alguns dias depois, achando-se esse senhor no grupo de um dos nossos associados, obtive de outro médium, pela tiptologia, e em presença do primeiro, não só o nome que desejava, sem que tivesse pedido especialmente, mas outros fatos de notável precisão. Assim, a faculdade do primeiro médium, por mais desenvolvida e flexível que fosse, não se prestava a esse gênero de produção mediúnica. Podia reproduzir as palavras que são a tradução do pensamento transmitido, e não termos que exigem um trabalho especial; daí por que o conjunto da comunicação refletia o caráter e a forma das ideias do Espírito, mas sem sinais materiais característicos. Um médium não é um instrumento próprio a todos os efeitos; assim como não se encontram duas pessoas inteiramente semelhantes no físico e no moral, não há dois médiuns cuja faculdade seja absolutamente idêntica.

É de notar que as provas de identidade vêm quase sempre espontaneamente, no momento em que menos se pensa, ao passo que são dadas raramente quando pedidas. Capricho da parte do Espírito? Não; há uma causa material. Ei-la:

As disposições fluídicas que estabelecem as relações entre o Espírito e o médium oferecem nuances de extrema delicadeza, inapreciáveis aos nossos sentidos e que variam de um momento a outro no mesmo médium. Muitas vezes um efeito que não é possível num instante desejado, sê-lo-á uma hora, um dia, uma semana mais tarde, porque as disposições ou a energia das correntes fluídicas terão mudado. Acontece aqui como na fotografia, onde uma simples variação na intensidade ou na direção da luz é suficiente para favorecer ou impedir a reprodução da imagem. Um poeta fará versos à vontade? Não; precisa de inspiração. Se não estiver em disposição favorável, por mais que perscrute o cérebro, nada obterá. Perguntai-lhe por quê? Nas evocações, o Espírito deixado à vontade se prevalece das disposições que encontra no médium, aproveita o momento propício; mas quando essas disposições não existem, não pode mais que o fotógrafo, na ausência da luz. Portanto, nem sempre pode, mau grado seu desejo, satisfazer instantaneamente a um pedido de provas de identidade. Eis por que é preferível esperá-las a solicitá-las.

Além disso, é preciso considerar que as relações fluídicas que devem existir entre o Espírito e o médium jamais se estabelecem completamente desde a primeira vez; a assimilação não se faz senão com o tempo e gradualmente. Daí resulta que, inicialmente, o Espírito sempre experimenta uma dificuldade que influi na clareza, na precisão e no desenvolvimento das comunicações; mas, quando o Espírito e o médium estão habituados um ao outro; quando seus fluidos estão identificados, as comunicações se dão naturalmente, porque não há mais resistências a vencer.

Por aí se vê quantas considerações devem ser levadas em conta no exame das comunicações. É por falta de o fazer e de conhecer as leis que regem esses tipos de fenômenos que muitas vezes se pede o que é impossível. É absolutamente como se alguém, que não conhecesse as leis da eletricidade, se admirasse que o telégrafo pudesse experimentar variações e interrupções e concluísse que a eletricidade não existe.

O fato da constatação da identidade de certos Espíritos é um acessório no vasto conjunto dos resultados que o Espiritismo abarca; mesmo que tal constatação fosse impossível, nada prejudicaria contra as manifestações em geral, nem contra as consequências morais daí decorrentes. Seria preciso lamentar os que privassem das consolações que ela proporciona, por não ter obtido uma satisfação pessoal, pois isto seria sacrificar o todo à parte.

### Texto 03: Comunicação com os seres que nos são caros - Agosto/1866

Por que todas as mães que choram seus filhos, e que ficariam felizes se com eles se comunicassem, muitas vezes não o podem? Por que avisão deles lhes é recusada, mesmo em sonho, não obstante seu desejo e suas preces ardentes?

Além da falta de aptidão especial que, como se sabe, não é dada a todos, por vezes há outros motivos, cuja utilidade a sabedoria da Providência aprecia melhor que nós. Essas comunicações poderiam ter inconvenientes para as naturezas muito impressionáveis; certas pessoas poderiam delas abusar e a elas se entregar com um excesso prejudicial à saúde. A dor, em semelhante caso, sem dúvida é natural e legítima; mas algumas vezes é levada a um ponto desarrazoado. Nas pessoas de caráter fraco, muitas vezes essas comunicações tornam mais viva a dor, em vez de a acalmar, razão por que nem sempre lhes é permitido receber, mesmo por outros médiuns, até que se tenham tornado mais calmas e bastante senhoras de si para dominar a emoção. A falta de resignação, em semelhante caso, é quase sempre um motivo de retardamento.

Depois, é preciso dizer que a impossibilidade de comunicar com os Espíritos que mais se ama, quando se o pode com outros, é muitas vezes uma prova para a fé e a perseverança e, em certos casos, uma punição. Aquele a quem esse favor é recusado deve, pois, dizer-se que sem dúvida mereceu; cabe-lhe procurar a causa em si mesmo, e não atribuí-la à indiferença ou ao esquecimento do ser lamentado.

Finalmente, há temperamentos que, não obstante a força moral, poderiam sofrer o exercício da mediunidade com certos Espíritos, mesmo simpáticos, conforme as circunstâncias.

Admiremos em tudo a solícitude da Providência, que vela sobre os mínimos detalhes, e saibamos submeter-nos à sua vontade sem murmurar, porque ela sabe melhor que nós o que nos é útil ou prejudicial. Ela é para nós como um bom pai, que nem sempre dá a seu filho o que ele deseja.

Dão-se as mesmas razões no que concerne aos sonhos. Os sonhos são as lembranças do que a alma viu no estado de desprendimento, durante o sono. Ora, essa lembrança pode ser interdita. Mas aquilo de que não nos lembramos não está, por isto, perdido para a alma; as sensações experimentadas durante as excursões que ela faz no mundo invisível, deixam ao despertar impressões vagas; e não referimos pensamentos e ideias cuja origem muitas vezes não suspeitamos. Podemos, pois, ter visto durante o sono os seres aos quais nos afeiçoamos, com os quais nos entretemos e não lhes guardar a lembrança. Então dizemos que não sonhamos.

Mas se o ser lamentado não pode manifestar-se de uma maneira ostensiva qualquer, nem por isso estará menos junto aos que o atraem por seu pensamento simpático. Ele os vê, ouve suas palavras e, muitas vezes, adivinhamos a sua presença por uma espécie de intuição, uma sensação íntima, algumas vezes até por certas impressões físicas. A certeza de que não está no nada; de que não está perdido nas profundezas do espaço, nem nos abismos do inferno; de que é mais feliz, agora isento dos sofrimentos corporais e das tribulações da vida; de que o veremos, depois de uma separação momentânea, mais belo, mais resplandecente, sob seu envoltório etéreo imperecível, e não sob a pesada carapaça carnal – eis a imensa consolação que recusam os que creem que tudo acaba com a vida; e é o que dá o Espiritismo.

Em verdade, não se compreende o encanto que se pode encontrar em se comprazer na ideia do nada para si mesmo e para os seus, e a obstinação de certas pessoas em repelir até a esperança de que pode ser diferente, e os meios de adquirir a sua prova. Diga-se a um doente agonizante: “Amanhã estareis curado, vivereis ainda muitos anos, alegre, saudável”, ele aceitará o augúrio com alegria; o pensamento da vida espiritual, indefinida, isenta de enfermidades e preocupações da vida, não é muito mais satisfatória?

Pois bem! o Espiritismo dela não dá apenas a esperança, mas a certeza. É por isto que os espíritos consideram a morte completamente diferente da maneira por que o fazem incrédulos.

## Texto 04: Mediunidade de vidência nas crianças - setembro/1866

Um dos nossos correspondentes nos escreve de Caen:

“Ultimamente eu estava no hotel Saint-Pierre, em Caen; tomava um copo de cerveja enquanto lia um jornal. A filhinha da casa, creio com cerca de quatro anos, estava sentada na escada e comia cerejas. Não percebia que eu a via e parecia entregue numa conversa com seres invisíveis, aos quais oferecia cerejas. Tudo o indicava: sua fisionomia, seus gestos, as inflexões da voz. Ora se virava bruscamente, dizendo: Tu, tu não as terás; não és gentil. –Eis para ti, dizia a uma outra. – Então, o que é que me atiras? Dizia a uma terceira. Dir-se-ia rodeada por outras crianças; ora se levantava, estendia as mãos, oferecendo o que tinha; ora seus olhos seguiam objetos invisíveis para mim, que a entristeciam ou a faziam dar gargalhadas. Esta pequena cena durou mais de meia hora e a conversa só terminou quando a menina percebeu que eu a observava. Sei que muitas vezes as crianças se divertem em apartes deste gênero, mas aqui era completamente diferente; a fisionomia e as maneiras refletiam impressões reais, que não eram as de um jogo representado. Eu pensava, sem dúvida, que era um médium vidente ainda verde, e me dizia que se todas as mães de família fossem iniciadas nas leis do Espiritismo, aí colheriam numerosos casos de observação e se explicariam muitos fatos que passam despercebidos, e cujo conhecimento lhes seria útil para a direção de seus filhos.”

É lamentável que o nosso correspondente não tenha tido a ideia de interrogar essa menina sobre as pessoas com as quais ela conversava. Teria podido assegurar-se se a conversa realmente tinha ocorrido com seres invisíveis e, neste caso, daí poderia ter saído uma instrução tanto mais importante porque, sendo o nosso correspondente um espírita muito esclarecido, poderia dirigir utilmente as perguntas. Seja como for, muitos outros fatos provam que a mediunidade de vidência é muito comum, se não mesmo geral, nas crianças, e isto é providencial. Ao sair da vida espiritual, os guias da criança vêm conduzi-la ao porto de embarque para o mundo terrestre, como vêm buscá-la em seu retorno. Mostram-se a elas nos primeiros tempos, a fim de que a transição não seja muito brusca; depois se apagam pouco a pouco, à medida que a criança cresce e pode agir em virtude de seu livre-arbítrio. Então a deixam às suas próprias forças, desaparecendo aos seus olhos, mas sem a perder de vista. A filhinha em questão, em vez de ser, como pensa o nosso correspondente, um médium vidente ainda verde, bem poderia estar em seu declínio, e não mais gozar desta faculdade para o resto da vida.

## Texto 05: As três filhas da Bíblia - fevereiro/1867

Sob este título, o Sr. Hippolyte Rodrigues publicou uma obra, na qual prevê a fusão das três grandes religiões oriundas da Bíblia. Um dos escritores do jornal *Le Pays* faz a respeito as reflexões seguintes, no número de 10 de dezembro de 1866:

“Quais são as três filhas da Bíblia? A primeira é judia, a segunda é católica, a terceira é maometana. “Compreende-se logo que se trata de um livro importante e que a obra do Sr. Hippolyte Rodrigues interessa especialmente os espíritos sérios, que se comprazem nas meditações morais e filosóficas sobre o destino humano. “O autor crê numa próxima fusão das três grandes religiões, que chama as três filhas da Bíblia, e trabalha para levar a este resultado, no qual vê um progresso imenso. É desta fusão que sairá a religião nova, que ele considera como devendo ser a religião definitiva da Humanidade. “Não quero aqui encetar com o Sr. Hippolyte Rodrigues uma polêmica inoportuna sobre a questão religiosa, que se agita desde tantos anos no fundo das consciências e nas entranhas da sociedade. Permitir-me-ei, contudo, uma reflexão. Ele quer que a crença nova seja aceita pelo raciocínio. Até hoje não há senão a fé que fundou e manteve as religiões, por esta razão suprema: quando se raciocina, não se crê mais, e quando um povo, uma época cessou de crer, logo se vê desmoronar-se a religião existente, mas não se vê surgir uma religião nova.”

*A. de Césena*

Essa tendência, que se generaliza, de prever a unificação dos cultos, como tudo que se liga à fusão dos povos, à diminuição das barreiras que os separam moralmente e comercialmente, é também um dos sinais característicos dos tempos. Não julgaremos a obra do Sr. Rodrigues, já que não a conhecemos; também não há por que examinar, no momento, as circunstâncias pelas quais poderá ser atingido o resultado que ele espera, e que considera, com toda razão, como um progresso. Queremos apenas apresentar algumas observações sobre o artigo acima.

O autor labora em grande erro ao dizer que “quando se raciocina não se crê mais.” Nós dizemos, ao contrário, que quando se raciocina sua crença, crê-se mais firmemente, porque se compreende. É em virtude desse princípio que dissemos: Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.

O erro da maior parte das religiões é ter erigido, como dogma absoluto, o princípio da fé cega, e de ter, em favor desse princípio, que aniquila a ação da inteligência, feito aceitar, durante algum tempo, crenças que os progressos ulteriores da Ciência vieram contradizer. Disto resultou, em grande número de pessoas, a prevenção de que toda crença religiosa é incapaz de suportar o livre-exame, confundindo, numa reprovação geral, o que não passava de casos particulares. Esta maneira de julgar as coisas não é mais racional do que se se condenasse todo um poema, porque encerra alguns versos incorretos, mas é mais cômoda para os que em nada querem crer, porque, rejeitando tudo, se julgam livres para nada examinar.

O autor comete outro erro capital ao dizer: “Quando um povo, uma época cessou de crer, logo se vê desmoronar-se a religião existente, mas não se vê surgir uma religião nova.” Onde ele viu na História, um povo, uma época sem religião?

A maior parte das religiões surgiu nos tempos recuados, quando os conhecimentos científicos eram muito limitados ou nulos. Erigiram como crenças noções erradas, que só o tempo podia retificar. Infelizmente, todas se fundaram sobre o princípio da imutabilidade, e como quase todas confundiram, num mesmo código, a lei civil e a lei religiosa, disso resultou que, em dado momento, tendo avançado o espírito humano, enquanto as religiões ficaram estacionárias, estas não mais se encontraram à altura das ideias novas. Então caem pela força das coisas, como caem as leis, os costumes sociais, os sistemas políticos que não podem corresponder às necessidades novas. Mas como as crenças religiosas são instintivas no homem e constituem, para o coração e para o espírito, uma necessidade tão imperiosa quanto a legislação civil para a ordem social, não se aniquilam: transformam-se.

A transição jamais se opera de maneira brusca, mas pela mistura temporária das ideias antigas e das ideias novas; é, de início, uma fé mista, que participa de umas e de outras; pouco a pouco a velha crença se extingue, a nova cresce, até que a substituição seja completa. Por vezes a transformação é apenas parcial; então são seitas que se separam da religião-mãe, modificando alguns pontos de detalhe. Foi assim que o





Cristianismo sucedeu ao paganismo, que o Islamismo sucedeu ao fetichismo árabe, que o protestantismo, a religião grega se separaram do catolicismo. Por toda parte veem-se os povos não deixar uma crença senão para tomar outra, apropriada ao seu adiantamento moral e intelectual; mas em parte alguma há solução de continuidade. É verdade que hoje se vê a incredulidade absoluta fazer-se passar por doutrina e ser professada por algumas seitas filosóficas; mas seus representantes, que constituem uma ínfima minoria na população inteligente, erram por se julgarem todo um povo, toda uma época e, porque não querem mais religião, imaginam que sua opinião pessoal é a medida dos tempos religiosos, quando não passa de uma transição parcial a outra ordem de ideias.

## Texto 06: Eugénie Colombe. Precocidade fenomenal - fevereiro/1867

Vários jornais reproduziram o seguinte fato:

“O Sentinelle, de Toulon, fala de um jovem fenômeno, que se admira no momento nesta cidade.

É uma menina de dois anos e onze meses, chamada Eugénie Colombe. Esta menina já sabe ler e escrever perfeitamente; além disso está em condição de sustentar o mais sério exame sobre os princípios da religião cristã, sobre a gramática francesa, a geografia, a história da França e as quatro operações de aritmética. Conhece a rosa dos ventos e sustenta perfeitamente uma discussão científica sobre todos esses assuntos. Esta admirável menina começou a falar muito distintamente com quatro meses de idade. Apresentada nos salões da prefeitura marítima, Eugénie Colombe, dotada de um semblante encantador, obteve um sucesso admirável.”

Este artigo nos tinha parecido, como a muitas outras pessoas, marcado de tal exagero, que não havíamos ligado nenhuma importância. Todavia, para saber positivamente a quem nos atermos, pedimos a um dos nossos correspondentes, oficial de marinha em Toulon, que se informasse do fato. Eis o que nos respondeu:

“Para me assegurar da verdade, fui à casa dos pais da menina referida pelo Sentinelle Toulonnaise de 19 de novembro; vi essa encantadora menina, cujo desenvolvimento físico é compatível com sua idade: ela não tem mais que três anos. Sua mãe é professora e dirige a sua instrução. Em minha presença interrogou-a sobre o catecismo, a história sagrada, desde a criação do mundo até o dilúvio, os oito primeiros reis da França e diferentes circunstâncias relativas a seus reinados e ao de Napoleão I. Quanto à Geografia, a menina citou as cinco partes do mundo, as capitais dos países que encerram, várias capitais dos Departamentos da França. Também respondeu perfeitamente sobre as primeiras noções de gramática francesa e o sistema métrico. A menina deu todas essas respostas sem a menor hesitação, divertindo-se com os brinquedos que tinha em mãos. Sua mãe me disse que ela sabe ler desde os dois anos e meio e garantiu-me que é capaz de responder do mesmo modo a mais de quinhentas perguntas.”

O fato, escoimado do exagero do relato dos jornais, e reduzido às proporções acima, não é menos notável e importante em suas consequências. Chama forçosamente a atenção sobre fatos análogos de precocidade intelectual e conhecimentos inatos.

Involuntariamente se procura a sua explicação, e com as ideias que circulam, da pluralidade das existências, chega-se a encontrar a sua solução racional numa existência anterior. Há que se colocar esses fenômenos no número dos que são anunciados como devendo, por sua multiplicidade, confirmar as crenças espíritas e contribuir para o seu desenvolvimento.

No caso de que se trata, a memória parece certamente desempenhar um papel importante. Sendo professora a mãe da menina, sem dúvida a pequena se encontrava habitualmente na escola e terá retido as lições dadas aos alunos por sua mãe, ao passo que se veem certos alunos possuir, por intuição, conhecimentos de certo modo inatos e fora de qualquer ensino. Mas por que, nela e não em outros, esta facilidade excepcional para assimilar o que ouvia e que, provavelmente, não pensavam em lhe ensinar? É que o que ela ouvia apenas lhe despertava a lembrança do que sabia. A precocidade de certas crianças para as línguas, a música, as matemáticas, etc., todas as ideias inatas, numa palavra, igualmente não passam de lembranças; elas se lembraram do que souberam, como se veem certas pessoas lembrar-se, mais ou menos vagamente, do que fizeram ou do que lhes aconteceu. Conhecemos um menino de cinco anos que, estando à mesa, onde nada na conversa poderia ter provocado uma ideia a esse respeito, pôs-se a dizer: “Eu fui casado, e me lembro bem; tinha uma mulher, de baixa estatura, jovem e linda, e tive vários filhos.” Certamente não se tem nenhum meio de controlar sua asserção, mas, pergunta-se, de onde lhe poderia ter vindo semelhante ideia, quando nenhuma circunstância a teria provocado?

Disto se deve concluir que as crianças que só aprendem à custa do trabalho foram ignorantes ou estúpidas em sua precedente existência? Por certo que não. A faculdade de se recordar é uma aptidão inerente ao estado psicológico, isto é, ao mais fácil desprendimento da alma em certos indivíduos do que em outros, uma espécie de visão espiritual, que lhes lembra o passado, ao passo que os que não a possuem, esse



passado não deixa nenhum traço aparente. O passado é como um sonho, do qual nos lembramos com maior ou menor exatidão, ou do qual perdemos totalmente a lembrança.

No momento de ir para o prelo, recebemos de um dos nossos correspondentes da Argélia, que, de passagem por Toulon, viu a pequena Eugénie Colombe, uma carta contendo o relato seguinte, que confirma o precedente, e acrescenta detalhes que não deixam de ter interesse:

“Esta menina, de notável beleza e extrema vivacidade, é de uma doçura angelical. Sentada nos joelhos de sua mãe, respondeu a mais de cinquenta perguntas sobre o Evangelho. Interrogada sobre Geografia, designou-me todas as capitais da Europa e de diversos estados da América; todas as capitais dos Departamentos franceses e da Argélia; explicou-me o sistema decimal, o sistema métrico. Em gramática, os verbos, os participios e os adjetivos. Ela conhece, ou pelo menos define, as quatro operações. Escreveu o que lhe ditei com tal rapidez que fui levado a crer que escrevia mediunicamente. Na quinta linha interrompeu a escrita, olhou-me fixamente com seus grandes olhos azuis e me disse bruscamente: ‘Senhor, é bastante.’ Depois desceu da cadeira e correu aos seus brinquedos.

Esta criança é certamente um Espírito muito avançado, porque se vê que responde e cita sem o menor esforço de memória. Sua mãe me disse que desde a idade de 12 a 15 meses ela sonha à noite, mas numa linguagem que não permite compreendê-la. É caridosa por instinto; atrai sempre a atenção da mãe, quando avista um pobre; não suporta que batam nos cães, nos gatos, nem em qualquer animal. Seu pai é um operário do arsenal marítimo.”

Só espíritas esclarecidos, como os nossos dois correspondentes, podiam apreciar o fenômeno psicológico que apresenta esta menina e sondar-lhe a causa; porque, assim como para julgar um mecanismo é preciso um mecânico, para julgar fatos espíritas é preciso ser espírita. Ora, em geral a quem encarregam da constatação e da explicação dos fenômenos deste gênero? Precisamente a pessoas que não os estudaram e que, negando a causa primária, não lhe podem admitir as consequências.

## Texto 07: A Homeopatia nas moléstias morais (reprodução parcial) - março/1867

Pode a homeopatia modificar as disposições morais? Tal é a pergunta que se fazem alguns médicos homeopatas e à qual não hesitam em responder afirmativamente, apoiando-se em fatos. Levando-se em conta a sua extrema gravidade, vamos examiná-la com cuidado, de um ponto de vista que nos parece ter sido negligenciado por aqueles senhores, por mais espiritualistas e mesmo espíritas que sem dúvida o sejam, porque há pouquíssimos médicos homeopatas que não sejam uma ou outra coisa. Mas, para a compreensão de nossas conclusões, algumas explicações preliminares sobre as modificações dos órgãos cerebrais são necessárias, sobretudo para as pessoas estranhas à fisiologia.

Em todos os tempos o cérebro foi considerado como o órgão da transmissão do pensamento e a sede das faculdades intelectuais e morais. Hoje é reconhecido que certas partes do cérebro têm funções especiais e são afetadas por uma ordem particular de pensamentos e de sentimentos, pelo menos no que concerne à generalidade.

Ora, se se considera que os pensamentos e os sentimentos são excessivamente múltiplos, e partindo do princípio de que tudo tem sua destinação e sua utilidade, é permitido concluir que cada feixe fibroso do cérebro não só corresponde a uma faculdade geral distinta, mas que cada fibra corresponde à manifestação de uma das nuanças desta faculdade, como cada corda de um instrumento corresponde a um som particular. É uma hipótese, sem dúvida, mas que tem todos os caracteres da probabilidade, e cuja negação não infirmaria as consequências que deduziremos do princípio geral; ela nos ajudará em nossa explicação.

O pensamento é independente do organismo. Não há por que discutir aqui esta questão, nem refutar a opinião materialista, segundo a qual o pensamento é secretado pelo cérebro, como a bile o é pelo fígado, nasce e morre com esse órgão; além de suas funestas consequências morais, esta doutrina tem contra si o fato de nada explicar.

Segundo as doutrinas espiritualistas, que são as da imensa maioria dos homens, não podendo a matéria produzir o pensamento, este é um atributo do Espírito, do ser inteligente, que, quando unido ao corpo, serve-se dos órgãos especialmente destinados à sua transmissão, como se serve dos olhos para ver, dos pés para andar. Sobrevivendo o Espírito ao corpo, o pensamento também lhe sobrevive.

Segundo a Doutrina Espírita, não só o Espírito sobrevive, mas preexiste ao corpo; não é um ser novo; traz, ao nascer, as ideias, as qualidades e as imperfeições que possuía; assim se explicam as ideias, as aptidões e os pendores inatos. O pensamento é, pois, preexistente e sobrevivente ao organismo. Este ponto é capital e é por não o terem reconhecido que tantas questões ficaram insolúveis.

Estando na Natureza todas as faculdades e aptidões, o cérebro encerra os órgãos, ou, pelo menos, o germe dos órgãos necessários à manifestação de todos os pensamentos. A atividade do pensamento do Espírito sobre um ponto determinado impele ao desenvolvimento da fibra ou, se se quiser, do órgão correspondente; se uma faculdade não existir no Espírito, ou se, existindo, deve ficar em estado latente, o órgão correspondente, estando inativo, não se desenvolve ou se atrofia. Se o órgão for atrofiado congenitamente, não podendo manifestar-se a faculdade, o Espírito parece dele privado, embora de fato o possua, desde que lhe é inerente. Enfim, se o órgão, primitivamente em seu estado normal, se deteriora no curso da vida, a faculdade, de brilhante que era, vai perdendo a cor, depois se apaga, mas não se destrói; é apenas um véu que a obscurece.

Conforme os indivíduos, há faculdades, aptidões, tendências que se manifestam desde o começo da vida, enquanto outras se revelam em épocas mais tardias e produzem as mudanças de caráter e de disposições que se notam em certas pessoas. Neste último caso, geralmente não são disposições novas, mas aptidões preexistentes, que dormitam até que uma circunstância as venha estimular e despertar. Pode-se estar certo de que as disposições viciosas, que por vezes se manifestam subitamente e tardiamente, tinham seu germe preexistente nas imperfeições do Espírito, porque este, marchando sempre para o progresso, se for essencialmente bom não pode tornar-se mau, ao passo que de mau pode tornar-se bom.

As aptidões do Espírito são, pois, sempre uma causa, e o estado dos órgãos um efeito. Pode suceder, entretanto, que o estado dos órgãos seja modificado por uma causa estranha ao Espírito, tal como doença acidental, influência atmosférica ou climática; então são os órgãos que reagem sobre o Espírito, não

alterando as suas faculdades, mas perturbando a sua manifestação. Um efeito semelhante pode resultar das substâncias ingeridas no estômago, como alimentos ou medicamentos. Essas substâncias aí se decompõem, e os princípios essenciais que encerram, misturados ao sangue, são levados, pela corrente da circulação, a todas as partes do corpo. É reconhecido pela experiência que os princípios ativos de certas substâncias são levados mais particularmente a tal ou qual víscera: o coração, o fígado, os pulmões, etc., e aí produzem efeitos reparadores ou deletérios, conforme sua natureza e propriedades especiais. Algumas, agindo desta maneira sobre o cérebro, podem exercer sobre o conjunto, ou sobre partes determinadas, uma ação estimulante ou estupefaciente, conforme a dose e o temperamento, por exemplo, as bebidas alcoólicas, o ópio e outras.

Nós nos estendemos um pouco sobre os detalhes que precedem, a fim de dar a compreender o princípio sobre o qual pode apoiar-se, com aparência de lógica, a teoria das modificações do estado moral por meios terapêuticos. Esse princípio é o da ação direta de uma substância sobre uma parte do organismo cerebral, tendo por função especial servir à manifestação de uma faculdade, de um sentimento ou de uma paixão, porque não pode vir ao pensamento de ninguém que tal substância possa agir sobre o Espírito.

Admitido, pois, que o princípio das faculdades esteja no Espírito, e não na matéria, suponhamos que se reconheça numa substância a propriedade de modificar as disposições morais, neutralizar uma inclinação má: isto só poderia ser por sua ação sobre o órgão correspondente a essa inclinação, ação que teria por efeito interromper o desenvolvimento desse órgão, atrofiá-lo ou paralisá-lo, se for desenvolvido. Torna-se evidente que, neste caso, não se suprime a inclinação, mas a sua manifestação, absolutamente como se ao músico se tirasse o seu instrumento.

Provavelmente são efeitos desta natureza que certos homeopatas observaram, e que os levaram a crer na possibilidade de corrigir, com o auxílio de medicamentos apropriados, vícios tais como o ciúme, o ódio, o orgulho, a cólera, etc. Uma tal doutrina, se verdadeira, seria a negação de toda responsabilidade moral, a sanção do materialismo, porque, então, a causa de nossas imperfeições estaria só na matéria; a educação moral se reduziria a um tratamento médico; o pior homem poderia tornar-se bom sem grandes esforços, e a Humanidade poderia ser regenerada com o auxílio de algumas pílulas. Se, ao contrário, como não padece dúvida, as imperfeições forem inerentes à própria inferioridade do Espírito, não se o melhorará pela modificação de seu invólucro carnal, como não se endireitaria um corcunda, dissimulando sua deformidade sob os tecidos de suas roupas.

Contudo, não duvidamos que tais resultados sejam obtidos em alguns casos particulares, porquanto, para afirmar um fato tão grave, é preciso ter observado; mas estamos convictos de que se enganaram com a causa e o efeito. Por sua natureza etérea os medicamentos homeopáticos têm uma ação de certa forma molecular; sem dúvida podem agir, mais que outros, sobre certas partes elementares e fluídicas dos órgãos e lhes modificar a constituição íntima. Se, pois, como é racional admitir, todos os sentimentos da alma têm sua fibra cerebral correspondente para a sua manifestação, um medicamento que agisse sobre essa fibra, quer para a paralisar, quer para exaltar sua sensibilidade, paralisaria ou exaltaria, por isso mesmo, a expressão do sentimento, do qual fosse instrumento, mas o sentimento não deixaria de subsistir. O indivíduo estaria na posição de um assassino a quem se tirasse a possibilidade de cometer homicídios, cortando-lhe os braços, mas que conservasse o desejo de matar. Seria, pois, um paliativo, mas não um remédio curativo. Não se pode agir sobre o ser espiritual senão por meios espirituais; a utilidade dos meios materiais, se fosse constatado o efeito acima, talvez fosse de dominar mais facilmente o Espírito, de o tornar mais flexível, mais dócil e mais acessível às influências morais; mas nos embalaríamos em ilusões se esperássemos de uma medicação qualquer um resultado definitivo e duradouro.

Seria completamente diferente se se tratasse de ajudar a manifestação de uma faculdade existente. Suponhamos um Espírito inteligente encarnado, não tendo ao seu serviço senão um cérebro atrofiado e não podendo, por conseguinte, manifestar suas ideias: será para nós um idiota. Admitindo, o que julgamos possível à homeopatia, mais do que a qualquer outro gênero de medicação, que se possa dar mais flexibilidade e sensibilidade às fibras cerebrais, o Espírito manifestaria seu pensamento, como um mudo, ao qual se tivesse desatado a língua. Mas se o Espírito fosse idiota por si mesmo, ainda que tivesse ao seu



serviço o cérebro do maior gênio, nem por isso seria menos idiota. Não podendo um medicamento qualquer agir sobre o Espírito, não lhe poderia dar o que não tem, nem tirar o que tem; mas agindo sobre o órgão da transmissão do pensamento, pode facilitar essa transmissão sem que, por isto, nada seja mudado no estado do Espírito. O que é difícil, o mais das vezes mesmo impossível no idiota de nascença, porque há interrupção completa e quase sempre geral do desenvolvimento nos órgãos, torna-se possível quando a alteração é accidental e parcial. Neste caso, não é o Espírito que se aperfeiçoa, são os meios de comunicação.

## Texto 08: Comunicação coletiva (reprodução parcial) - março/1867

Como de hábito, estando a Sociedade reunida em 1º de novembro para a comemoração dos mortos, foram recebidas muitas comunicações, entre as quais sobretudo uma se distinguiu por sua feitura completamente nova, e que consiste numa série de pensamentos avulsos, cada um assinado por um nome diferente, que se encadeiam e se completam uns pelos outros. Eis esta comunicação:

“Meus amigos, quantos Espíritos em torno de vós, que gostariam de comunicar-se e dizer o quanto vos amam! E como seríeis felizes se o nome de todos os que vos são caros fosse pronunciado à mesa dos médiuns! Que felicidade! que alegria para cada um de vós, se vosso pai, vossa mãe, vosso irmão, vossa irmã, vossos filhos e vossos amigos viessem falar convosco! Mas compreendeis que é impossível sejais todos satisfeitos: o número de médiuns não é suficiente. Mas o que não é impossível é que um Espírito, em nome de todos os vossos parentes e amigos, venha dizer-vos: Obrigado por vossa boa lembrança e por vossas fervorosas preces; coragem! tende esperança de que um dia, depois da vossa libertação, viremos todos vos estender a mão. Ficai certos de que o que vos ensina o Espiritismo é o eco das leis do Todo-Poderoso; pelo amor tornai-vos todos irmãos, e aliviareis o fardo pesado que carregais.

Agora, caros amigos, todos os vossos Espíritos protetores virão trazer-vos o seu pensamento. Tu, médium, escuta e deixa teu lápis seguir suas ideias.” [a seguir dezenas de Espíritos ditam pequenas mensagens pelo mesmo médium]

Observação de Kardec: Este gênero de comunicação levanta uma questão importante. Como os fluidos de tão grande número de Espíritos podem assimilar-se quase instantaneamente com o fluido do médium, para lhe transmitir seu pensamento, quando muitas vezes essa assimilação é difícil da parte de um único Espírito, e geralmente não se estabelece senão com o tempo?

O guia espiritual do médium parece tê-lo previsto, porque dois dias depois lhe deu, espontaneamente, a seguinte explicação:

“A comunicação que recebestes no dia de Todos os Santos, assim como a última, que é o seu complemento, embora haja nomes repetidos, foram obtidas da seguinte maneira: como sou teu Espírito protetor, meu fluido é similar ao teu. Coloquei-me acima de ti, transmitindo-te o mais exatamente possível os pensamentos e os nomes dos Espíritos que desejavam manifestar-se. Eles formaram em torno de mim uma assembleia cujos membros ditavam, alternadamente, os pensamentos que eu te transmitia. Isto foi espontâneo e o que naquele dia tornava as comunicações mais fáceis é que os Espíritos presentes tinham saturado o apartamento com seus fluidos.

Quando um Espírito se comunica a um médium, fá-lo com tanto mais facilidade quanto melhor estabelecidas entre eles as relações fluídicas, sem o que o Espírito é obrigado, para comunicar seu fluido ao médium, a estabelecer uma espécie de corrente magnética, que alcança o cérebro deste último; e se o Espírito, em razão de sua inferioridade, ou por qualquer outra causa, não pode estabelecer esta corrente, recorre à assistência do guia do médium, e as relações se estabelecem como acabo de indicar.”

*Slener*

Uma outra pergunta é esta: No número destes Espíritos não há alguns encarnados neste e em outros mundos e, neste caso, como podem comunicar-se? Eis a resposta que foi dada:

“Os Espíritos de um certo grau de adiantamento têm uma irradiação que lhes permite comunicar-se simultaneamente em vários pontos. Nalguns, o estado de encarnação não amortece essa radiação de maneira bastante completa para os impedir de se manifestarem, mesmo em vigília. Quanto mais avançado o Espírito, tanto mais fracos são os laços que o unem à matéria do corpo; está num estado de quase constante desprendimento e se pode dizer que está onde está o seu pensamento.”

## Texto 09: Atmosfera espiritual - maio/1867

O Espiritismo nos ensina que os Espíritos constituem a população invisível do globo, estão no espaço e entre nós, vendo-nos e nos acotovelando incessantemente, de tal sorte que, quando nos julgamos sós, temos constantemente testemunhas secretas de nossas ações e de nossos pensamentos. Isto pode parecer constrangedor para certas pessoas, mas desde que assim é, não se pode impedir que assim seja. Cabe a cada um fazer como o sábio, que não teria medo se sua casa fosse de vidro. Sem nenhuma dúvida é a esta causa que se deve atribuir a revelação de tantas torpezas e infrações que se pensava sepultados na sombra.

Além disso sabemos que, numa reunião, além dos assistentes corporais, há sempre ouvintes invisíveis; que sendo a permeabilidade uma das propriedades do organismo dos Espíritos, estes podem achar-se em número ilimitado num dado espaço.

Muitas vezes nos foi dito que em certas sessões eles eram em quantidades inumeráveis. Na explicação dada ao Sr. Bertrand, a propósito das comunicações coletivas que ele obteve, foi dito que o número de Espíritos presentes era tão grande que a atmosfera estava, a bem dizer, saturada de seus fluidos. Isto não é novo para os espíritas, mas talvez não tenham sido deduzidas todas as consequências.

Sabe-se que os fluidos que emanam dos Espíritos são mais ou menos salutares, conforme o grau de sua depuração; conhece-se o seu poder curativo em certos casos e, também, seus efeitos mórbidos de indivíduo a indivíduo. Ora, desde que o ar pode ser saturado desses fluidos, não é evidente que, segundo a natureza dos Espíritos que sobejam em determinado lugar, o ar ambiente não se ache carregado de elementos salutares ou prejudiciais, que devem exercer uma influência sobre a saúde física, tanto quanto sobre a saúde moral? Quando se pensa na energia da ação que um Espírito pode exercer sobre um homem, é de admirar-se da que deve resultar da aglomeração de centenas ou de milhares de Espíritos? Esta ação será boa ou má conforme os Espíritos derramem num dado meio um fluido benéfico ou maléfico, agindo à maneira das emanções fortificantes ou dos miasmas deletérios, que se espalham no ar. Assim se podem explicar certos efeitos coletivos produzidos sobre massas de indivíduos, o sentimento de bem-estar ou de mal-estar que se experimenta em certos meios, e que não têm nenhuma causa aparente conhecida, o arrastamento coletivo para o bem ou para o mal, os impulsos generosos, o entusiasmo ou o desânimo, por vezes a espécie de vertigem que se apodera de toda uma assembleia, de toda uma cidade, mesmo de todo um povo. Cada indivíduo, em razão do seu grau de sensibilidade, sofre a influência desta atmosfera viciada ou vivificante. Por este fato, que parece fora de dúvida e que confirma, ao mesmo tempo, a teoria e a experiência, nós achamos nas relações do mundo espiritual com o mundo corporal, um novo princípio de higiene que, sem dúvida, um dia a Ciência levará em consideração.

Podemos, então, subtrair-nos a essas influências que emanam de uma fonte inacessível aos meios materiais? Sem sombra de dúvida, porquanto, assim como saneamos os lugares insalubres, destruindo a fonte dos miasmas pestilentos, podemos sanear a atmosfera moral que nos envolve, subtraindo-nos às influências perniciosas dos fluidos espirituais malsãos, e isto mais facilmente do que podemos escapar às exalações paludosas, pois depende unicamente de nossa vontade, e aí não estará um dos menores benefícios do Espiritismo, quando for universalmente compreendido e, sobretudo, praticado.

Um princípio perfeitamente constatado por todo espírita, é que as qualidades do fluido perispiritual estão na razão direta das qualidades do Espírito encarnado ou desencarnado; quanto mais elevados e desprendidos das influências da matéria forem os sentimentos, mais depurado será o seu fluido. Conforme os pensamentos que o dominam, o encarnado irradia fluidos, impregnados desses mesmos pensamentos, que os viciam ou os saneiam, fluidos realmente materiais, conquanto impalpáveis, invisíveis para os olhos do corpo, mas perceptíveis pelos sentidos perispirituais e visíveis pelos olhos da alma, pois impressionam fisicamente e afetam aparências muito diferentes para os que são dotados de visão espiritual.

Pelo só fato da presença dos encarnados numa assembleia, os fluidos ambientes serão bons ou maus. Quem quer que traga consigo pensamentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de animosidade, de cupidez, de falsidade, de hipocrisia, de maledicência, de malevolência, numa palavra, pensamentos hauridos na fonte das más paixões, espalha em torno de si eflúvios fluídicos enfermicos, que reagem sobre os que o cercam. Ao contrário, numa assembleia em que cada um só trouxesse sentimentos de



bondade, de caridade, de humildade, de devotamento desinteressado, de benevolência e de amor ao próximo, o ar é impregnado de emanções salubres, em meio às quais se sente viver mais à vontade.

Se agora se considerar que os pensamentos atraem os pensamentos da mesma natureza, que os fluidos atraem os fluidos similares, compreende-se que cada indivíduo traga consigo um cortejo de Espíritos simpáticos, bons ou maus, e que, assim, o ar seja saturado de fluidos em relação com os pensamentos que predominam. Se os maus pensamentos forem em minoria, não impedirão que as boas influências se produzam, pois estas os paralisam. Se dominarem, enfraquecerão a irradiação fluídica dos Espíritos bons, ou, mesmo, por vezes impedirão que os bons fluidos penetrem nesse meio, como o nevoeiro enfraquece ou detém os raios-do-sol.

Qual é, pois, o meio de se subtrair à influência dos maus fluidos? Esse meio ressalta da própria causa que produz o mal. Que se faz quando se reconhece que um alimento é prejudicial à saúde? É rejeitado e substituído por outro mais saudável. Já que são os maus pensamentos que engendram os maus fluidos e os atraem, deve-se evitar esforços para só os ter bons, repelir tudo o que é mal, como se repele um alimento que nos pode tornar doentes; numa palavra, trabalhar por seu melhoramento moral e, para nos servirmos de uma comparação do Evangelho, “não só limpar o vaso por fora, mas, sobretudo, limpá-lo por dentro.”

Melhorando-se, a Humanidade verá depurar-se a atmosfera fluídica em cujo meio vive, porque não lhe enviará senão bons fluidos, e estes oporão uma barreira à invasão dos maus. Se um dia a Terra chegar a ser povoada somente por homens que, entre si, pratiquem as leis divinas do amor e da caridade, ninguém duvida que eles se encontrarão em condições de higiene física e moral completamente diversas das hoje existentes.

Sem dúvida esse tempo ainda está longe, mas, enquanto se espera, essas condições podem existir parcialmente, cabendo às assembleias espíritas dar o exemplo. Os que tiverem possuído a luz serão mais repreensíveis, porque terão tido em mãos os meios de se esclarecer; incorrerão na responsabilidade dos retardamentos que seu exemplo e sua má vontade tiverem trazido ao melhoramento geral.

Isto é uma utopia, um discurso vão? Não; é uma dedução lógica dos próprios fatos, que o Espiritismo revela diariamente. Com efeito, o Espiritismo nos prova que o elemento espiritual, que até o presente tem sido considerado como a antítese do elemento material, tem com esse último uma conexão íntima, donde resulta uma porção de fenômenos não observados ou incompreendidos. Quando a Ciência tiver assimilado os elementos fornecidos pelo Espiritismo, ela aí colherá novos e importantes elementos para o melhoramento material da Humanidade. Assim, a cada dia vemos alargar-se o círculo das aplicações da doutrina que, como alguns ainda pensam, está longe de se restringir ao pueril fenômeno das mesas girantes e outros efeitos de mera curiosidade.

Realmente o Espiritismo não tomou o seu impulso senão no momento em que entrou na via filosófica; é menos divertido para certa gente, que nele buscava apenas uma distração, mas é mais bem apreciado pelas pessoas sérias, e o será ainda mais, à medida que for mais bem compreendido em suas consequências.

## Texto 10: O jovem Francisco - maio/1867

As pessoas que leram *O Céu e o Inferno* sem dúvida se lembram da tocante história de Marcel, o menino do número 4, referida no capítulo VIII das Expições terrestres. O fato seguinte apresenta um caso mais ou menos análogo e não menos instrutivo, como aplicação da soberana justiça e como explicação do que muitas vezes parece inexplicável em certas posições da vida.

Numa boa e honesta família morreu, em outubro de 1866, um rapazote de doze anos, cuja vida, durante nove anos, tinha sido um sofrimento contínuo, que nem os cuidados afetuosos de que era cercado, nem os socorros da Ciência tinham podido ao menos suavizar. Era acometido de paralisia e hidropisia; seu corpo estava coberto de chagas, invadidas pela gangrena e suas carnes caíam aos pedaços. Muitas vezes, no paroxismo da dor, ele exclamava: “Que fiz eu então, meu Deus, para merecer tanto sofrer? E, contudo, desde que estou no mundo não fiz mal a ninguém!” Instintivamente esse rapazinho compreendia que o sofrimento devia ser uma expiação, mas, ignorando a lei de solidariedade das existências sucessivas, não remontando seu pensamento além da vida presente, não se dava conta da causa que nele pudesse justificar tão cruel castigo.

Uma particularidade digna de nota foi o nascimento de uma irmã, quando ele tinha cerca de três anos. Foi nesta época que se declararam os primeiros sintomas da terrível enfermidade da qual devia sucumbir. Desde esse momento ele sentiu pela recém-vinda uma repulsa tal que não podia suportar sua presença, parecendo que sua vista redobrava seus sofrimentos. Muitas vezes ele se censurava por esse sentimento, que nada justificava, porque a pequena não o partilhava; ao contrário, ela era doce e amável para com ele. Ele dizia à sua mãe: “Por que, então, a vista de minha irmã me é tão penosa? Ela é boa para mim e, mau grado meu, não me posso impedir de detestá-la.” Entretanto, não podia suportar que lhe fizessem o menor mal, nem que a contrariassem; longe de se deleitar com suas penas, afligia-se quando a via chorar. Era evidente que nele dois sentimentos se combatiam; compreendia a injustiça de sua antipatia, mas seus esforços para superá-la eram impotentes.

Que tais enfermidades fossem, em certa idade, consequência de mau procedimento, seria uma coisa muito natural. Mas de que faltas tão graves uma criança desta idade pode tornar-se culpada para suportar semelhante martírio? Além disso, de onde podia provir esta repulsa por um ser inofensivo? Estes são problemas que se apresentam a todo instante, e que levam muita gente a duvidar da justiça de Deus, porque aí não encontram solução em nenhuma religião. Ao contrário, essas aparentes anomalias encontram sua completa justificação na solidariedade das existências. Um observador espírita poderia, então, dizer, com toda aparência de razão, que esses dois seres eram conhecidos e tinham sido colocados ao lado do outro na existência atual para alguma expiação, e para a reparação de alguma falta. Do estado de sofrimento do irmão, podia-se concluir que ele era o culpado, e que os laços de parentesco próximo que o uniam ao objeto de sua antipatia lhe eram impostos para preparar entre eles as vias de uma reconciliação. Assim, já se vê no irmão uma tendência e esforços para superar a sua aversão, que reconhece injusta. Esta antipatia não tinha os caracteres do ciúme que por vezes se nota em crianças do mesmo sangue. Ela provinha, pois, conforme toda a probabilidade, de lembranças dolorosas, e, talvez, do remorso que despertava a presença da menina. Tais as deduções que, racionalmente e por analogia, podem ser tiradas da observação dos fatos, e que foram confirmadas pelo Espírito do rapazote.

Evocado quase imediatamente após a morte, por uma amiga da família, pela qual nutria grande afeição, de início não pôde explicar-se de maneira completa, prometendo, posteriormente, dar detalhes mais circunstanciados. Entre as diversas comunicações que deu, eis as duas que se referem mais particularmente à questão:

“Esperais de mim o relato que prometi, acerca do que fui numa existência anterior, e a explicação da causa de meus grandes sofrimentos; será um ensinamento para todos. Bem sei que esses ensinamentos estão em toda parte e se encontram por todos os lados; mas o relato de fatos cujas consequências nós mesmos vimos, é sempre, para os que existem, uma prova muito mais admirável.

Pequei, sim pequei! Sabeis o que é ter sido assassino, ter atentado contra a vida de seu semelhante? Não o fiz pela maneira como os assassinos empregam, matando imediatamente, seja com uma corda, seja

com uma faca ou qualquer outro instrumento; não, não foi dessa maneira. Matei, mas matei lentamente, fazendo sofrer um ser que eu detestava! Sim, eu detestava esta criança que julgava não me pertencer! Pobre inocente! Tinha merecido esta triste sorte? Não, meus pobres amigos, não o tinha merecido, ou, pelo menos, não me cabia fazê-la sofrer esses tormentos. E, contudo, eu o fiz, razão por que fui obrigado a sofrer como vistes.

Eu sofri, meu Deus! Terá sido bastante? Sois tão bom, Senhor! Sim, em presença de meu crime e da expiação, acho que fostes muito misericordioso.

Orai por mim, caros pais, caros amigos. Agora meus sofrimentos passaram. Pobre Sra. D..., eu vos faço sofrer! é que era muito penoso para mim vir fazer a confissão desse crime imenso! “Esperança, meus bons amigos, Deus perdoou minha falta; agora estou na alegria e, entretanto, também na pena. Vede! Por mais que se esteja num estado melhor, por mais que se tenha expiado, o pensamento, a lembrança dos crimes deixam tal impressão que é impossível que não se sinta ainda por muito tempo todo o horror, porque não foi somente na Terra que sofri, mas antes, nesta vida espiritual! E quanto sofri para me decidir a vir sofrer esta expiação terrível! Não vos posso narrar tudo isto, porque seria muito horroroso! A visão constante de minha vítima, e a outra, a pobre mãe! Enfim, meus amigos: preces por mim e graças ao Senhor! Eu vos tinha prometido este relato. Era preciso que eu pagasse até o fim a minha dívida, custasse o que custasse.

(Até aqui o médium havia escrito sob o império de viva emoção. Continuou com mais calma).

E agora, meus bons pais, uma palavra de consolação. Obrigado, oh! obrigado! a vós que me ajudastes nesta expiação e que carregastes uma parte; suavizastes, tanto quanto de vós dependia, o que havia de amargo em meu estado. Não vos entristeçais, é coisa passada; estou feliz, eu vo-lo disse, sobretudo comparando o estado passado com o presente. Amo-vos a todos; agradeço-vos; abraço-vos; amai-me sempre. Encontrar-nos-emos e, todos juntos, continuaremos esta vida eterna, esforçando-nos para que a vida futura resgate inteiramente a vida passada.

Vosso filho, François E.”

Numa outra comunicação, o Espírito do jovem François completou as informações acima:

P. – Caro rapaz, não disseste de onde vinha tua antipatia por tua irmãzinha.

Resp. – Não o adiviniais? Esta pobre e inocente criatura era minha vítima, que Deus tinha ligado à minha última existência como um remorso vivo. Eis por que sua vista me fazia sofrer tanto.

P. – Entretanto, não sabias quem era ela.

Resp. – Não o sabia em vigília, sem o que meus tormentos teriam sido cem vezes mais horríveis; tão horríveis quanto tinham sido na vida espiritual, em que eu a via incessantemente. Mas credes que meu Espírito, nos momentos em que estava desprendido, não o soubesse? Era a causa de minha repulsa, e se me esforçava por combatê-la, é que instintivamente sentia que era injusta. Eu não era ainda bastante forte para fazer o bem àquela que eu não podia impedir-me de detestar, mas não queria que lhe fizessem mal: era um começo de reparação. Deus me levou em conta este sentimento, permitindo que cedo eu ficasse livre de minha vida de sofrimento, sem o que eu teria podido viver ainda longos anos na horrível situação em que me vistes. Bendizei, pois, minha morte, que pôs um termo à expiação, porque foi a garantia de minha reabilitação.

P. – [Ao guia do médium]. Por que a expiação e o arrependimento na vida espiritual não bastam para a reabilitação, sem que a isto seja necessário juntar os sofrimentos corporais?

Resp. – Sofrer num mundo ou no outro é sempre sofrer, e se sofre por tanto tempo até que a reabilitação seja completa. Este menino sofreu muito na Terra. Pois bem! isto nada é em relação com o que suportou no mundo dos Espíritos. Aqui ele tinha, em compensação, os cuidados e a afeição de que era rodeado. Há ainda esta diferença entre o sofrimento corporal e o sofrimento espiritual: o primeiro é quase sempre aceito voluntariamente, como complemento de expiação, ou como prova para adiantar-se mais rapidamente, ao passo que o outro é imposto.

Mas há outros motivos para o sofrimento corporal: inicialmente para que a reparação se faça nas mesmas condições em que o mal foi feito; depois, para servir de exemplo aos encarnados. Vendo seus semelhantes sofrer e sabendo a razão disto, ficam muito mais impressionados do que saber que são infelizes



como Espíritos; podem melhor explicar-se a causa de seus próprios sofrimentos; de certo modo a justiça divina se mostra palpável aos seus olhos. Enfim, o sofrimento corporal é uma ocasião para os encarnados exercitarem a caridade, uma prova para seus sentimentos de comiseração e, muitas vezes, um meio de reparar erros anteriores; porque, crede-o bem, quando um infortunado se acha em vosso caminho, não é por efeito do acaso. Para os pais do jovem Francisco, era uma grande prova ter um filho nessa triste posição. Pois bem! eles cumpriram dignamente sua missão, e serão tanto mais recompensados quanto agiram espontaneamente, pelo próprio impulso do coração. Se os Espíritos não sofressem na encarnação, é porque na Terra só haveria Espíritos perfeitos.

## Texto 11: O sentido espiritual - junho/1867

Uma segunda carta do doutor Gregóry contém o seguinte:

“Numa comunicação, Erasto enunciou uma ideia que me surpreendeu e me fez refletir. O homem, diz ele, tem sete sentidos: os sentidos bem conhecidos da audição, do olfato, da visão, do gosto e do tato e, além destes, o sentido sonambúlico e o sentido mediúnic.

Acrescento a estas palavras que estes dois últimos não existem senão por exceção, bastante desenvolvidos nalgumas naturezas privilegiadas, caso existam em todo homem em estado rudimentar. Ora, há em mim uma convicção adquirida por mais de uma observação e por uma experiência bastante longa dos poderes homeopáticos: é que nossos medicamentos, bem escolhidos e tomados por longo tempo, podem desenvolver essas duas admiráveis faculdades.”

Em nossa opinião seria erro considerar o sonambulismo e a mediunidade como o produto de dois sentidos diferentes, considerando-se que não passam de dois efeitos resultantes de uma mesma causa. Essa dupla faculdade é um dos atributos da alma e tem por órgão o perispírito, cuja irradiação transporta a percepção além dos limites da ação dos sentidos materiais. A bem dizer é o sexto sentido, que é designado sob o nome de sentido espiritual.

O sonambulismo e a mediunidade são duas variedades da atividade desse sentido que, como se sabe, apresentam inúmeros matizes e constituem aptidões especiais. Fora destas duas faculdades, mais notáveis porque mais aparentes, seria erro crer que o sentido espiritual não exista senão em estado rudimentar. Como os outros sentidos, é mais ou menos desenvolvido, ou mais ou menos sutil conforme os indivíduos, mas todo o mundo o possui, e não é o que presta menos serviços, pela natureza toda especial das percepções das quais é a fonte. Longe de ser a regra, sua atrofia é exceção, e pode ser considerada como uma enfermidade, assim como a ausência da vista ou da audição. É por este sentido que recebemos os eflúvios fluídicos dos Espíritos, que nos inspiramos, mau grado nosso, em seus pensamentos, que nos são dados os avisos íntimos da consciência, que temos o pressentimento e a intuição das coisas futuras ou ausentes, que se exercem a fascinação, a ação magnética inconsciente e involuntária, a penetração do pensamento, etc. Essas percepções são dadas ao homem pela Providência, assim como a visão, a audição, o olfato, o gosto e o tato, para a sua conservação; são fenômenos muito vulgares, que ele apenas os nota pelo hábito que tem de os experimentar, e dos quais não se deu conta até hoje, devido sua ignorância das leis do princípio espiritual, da própria negação, em alguns, da existência desse princípio. Mas, quem quer que leve sua atenção sobre os efeitos que acabamos de citar, e sobre muitos outros da mesma natureza, reconhecerá quanto eles são frequentes e como são completamente independentes das sensações percebidas pelos órgãos do corpo.

A vista espiritual, vulgarmente chamada dupla vista ou segunda vista, é um fenômeno menos raro do que se pensa; muitas pessoas têm esta faculdade sem o suspeitar; apenas é mais ou menos acentuada, e é fácil certificar-se de que ela é estranha aos órgãos da visão, pois que se exerce sem o auxílio desses órgãos e até os cegos a possuem. Existe em certas pessoas no mais perfeito estado normal, sem o menor traço aparente de sono nem de estado estático. Conhecemos em Paris uma senhora na qual ela é permanente, e tão natural quanto a vista ordinária; ela vê sem esforço e sem concentração o caráter, os hábitos, os antecedentes de quem quer que dela se aproxime; descreve as doenças e prescreve tratamentos eficazes com mais facilidade que muitos sonâmbulos ordinários; basta pensar numa pessoa ausente para que a veja e a designe. Um dia estávamos em sua casa e vimos passar na rua alguém com quem temos relações, e que ela jamais tinha visto. Sem ser provocada por qualquer pergunta, fez-lhe o mais exato retrato moral e nos deu a seu respeito conselhos muito sensatos.

E, contudo, essa senhora não é sonâmbula. Fala do que vê, como falaria de qualquer outra coisa, sem se desviar de suas ocupações. É médium? Ela mesma não sabe, porque até pouco tempo atrás nem mesmo conhecia de nome o Espiritismo. Assim, nela essa faculdade é tão natural e tão espontânea quanto possível. Como ela percebe, senão pelo sentido espiritual? Devemos acrescentar que essa senhora tem fé nos sinais da mão, examinando-a quando a interrogam e dizendo aí ver o indício das doenças. Como vê certo e é evidente que muitas das coisas que diz não podem ter nenhuma relação fisiológica com a mão, estamos persuadidos de que para ela é simplesmente um meio de se pôr em relação e desenvolver sua vista, fixando-a



## Estudo: Revista Espírita de Allan Kardec – Textos Seleccionados (parte IV)

num ponto determinado; a mão faz o papel de espelho mágico ou psíquico; ela aí vê como outros veem num vaso, numa garrafa ou noutro objeto.

Sua faculdade tem muita relação com a do Vidente da floresta de Zimmerwald, mas lhe é superior em certos aspectos. Aliás, como não tira disto nenhum proveito, esta consideração afasta toda suspeita de charlatanismo e, considerando-se que dela só se serve para prestar serviço, deve ser assistida por Espíritos bons.

## Texto 12: Nova sociedade espírita de Bordeaux - junho/1867

Desde o mês de junho de 1866, uma nova Sociedade Espírita, já numerosa, formou-se em Bordeaux, sobre bases que atestam o zelo e a boa vontade de seus membros, e um perfeito entendimento dos verdadeiros princípios da doutrina. Extraímos do relatório anual publicado pelo Presidente, algumas passagens que darão a conhecer o seu espírito.

Depois de ter falado das vicissitudes que o Espiritismo tem experimentado nesta cidade, das circunstâncias que levaram à formação da nova sociedade e de sua organização, que “permite àqueles de seus membros que sentem a sua força, desenvolver por palestras, no começo de cada sessão, os grandes princípios da doutrina, princípios que muitos só combatem porque não os conhecem”, acrescenta:

“São essas palestras que até aqui nos atraíram numerosos ouvintes estranhos à Sociedade. Certamente não tenho a pretensão de crer que todos os nossos ouvintes vêm à nossa casa para instruir-se; muitos, sem dúvida, aqui comparecem na expectativa de pegar-nos em falta; é a sua tarefa. A nossa é espalhar o Espiritismo nas massas, e o Espiritismo nos provou que o melhor meio, depois da prática da sublime moral que dele decorre, e das comunicações dos Espíritos bons, é fazê-lo pela palavra.

Desde que nos constituímos temos duas sessões por semana. Esse duplo trabalho nos foi imposto pela necessidade de consagrar uma sessão particular (a de quinta-feira) aos Espíritos obsessores e ao tratamento das doenças que eles ocasionam, e reservar outra sessão (a de sábado) aos estudos científicos. Acrescentarei, para justificar nossas sessões das quintas-feiras, que temos a felicidade de possuir entre nós um médium curador de faculdades bem desenvolvidas, conhecido por sua caridade, modéstia e desinteresse; é tão conhecido fora quanto no seio de nossa sociedade, de sorte que não lhe faltam doentes.

Aliás, há em Bordeaux muitos casos de obsessão, e uma sessão por semana, especialmente consagrada à evocação e à moralização dos obsessores, está longe de ser suficiente, pois o médium curador, acompanhado de um médium escrevente, de um evocador e, por vezes, por alguns de nossos irmãos, vai ao domicílio dos doentes, a fim de melhor se identificar com os obsessores e chegar mais facilmente ao resultado.

Ao médium curador veio juntar-se um dos nossos irmãos, magnetizador de grande força e de um devotamento a toda prova que, também ajudado pelos Espíritos bons, auxilia o primeiro, de tal sorte que podemos dizer que a Sociedade possui dois médiuns curadores, embora em graus diferentes.”

Segue o relato de várias curas, entre as quais citaremos a seguinte:

Senhorita A..., de doze anos. Órfã, cuidada por parentes muito pobres, esta menina nos foi apresentada em estado lastimável. Seu corpo inteiro era tomado de movimentos convulsivos; seu rosto contraía-se incessantemente e fazia caretas horríveis; os braços e as pernas eram constantemente agitados, a ponto de gastar as roupas da cama no espaço de oito dias. As mãos, que não podiam segurar nenhum objeto, rodopiavam sem parar em torno dos punhos. Enfim, em consequência da doença, sua língua se tornara de uma espessura extrema, acarretando o mais completo mutismo. À primeira vista compreendemos que aí também havia uma obsessão. Como nossos guias confirmassem esta opinião, agimos como convém. Segundo a opinião de um médico que se achava incógnito na casa da doente enquanto a submetíamos a um tratamento fluídico, a doença devia traduzir-se, em três dias, na dança de São Guido e, visto o estado de fraqueza em que se achava a doente, matá-la-ia impiedosamente no máximo em oito dias.

Não detalharei aqui os inúmeros incidentes a que deu lugar esta cura. Não vos falarei dos obstáculos de toda sorte, acumulados aos nossos passos, por influências contrárias e que tivemos de superar. Direi apenas que, dois meses após nossa entrevista com o médico, a menina falava como vós e eu, servia-se das mãos, ia à escola e estava perfeitamente curada.

Eis, acrescenta o Sr. Peyranne, os principais ensinamentos que saíram para nós das sessões consagradas aos Espíritos obsessores:

“Para agir eficazmente sobre um obsessor, é preciso que os que o moralizam e o combatem pelos fluidos, valham mais que ele. Isto se compreende tanto melhor quanto o poder dos fluidos está em relação direta com o adiantamento moral daquele que o emite. Um Espírito impuro chamado a uma reunião de homens moralizados aí não se sente à vontade; compreende a sua inferioridade e, se tentar afrontar o



evocador, como por vezes acontece, ficai persuadidos de que logo abandonará o papel, sobretudo se as pessoas que compõem o grupo onde se comunica se unem ao evocador pela vontade e pela fé.

Creio que ainda não compreendemos bem tudo quanto podemos sobre os Espíritos impuros, ou melhor, ainda não sabemos servir-nos dos tesouros que Deus colocou em nossas mãos.

Sabemos, ainda, que uma descarga fluídica feita sobre um obsedado por vários espíritas, por meio da cadeia magnética, pode romper o laço fluídico que o liga ao obsessor e tornar-se para este último um remédio moral muito eficaz, provando-lhe a sua impotência.

Sabemos, igualmente, que todo encarnado, animado do desejo de aliviar o seu semelhante, agindo com fé, pode, por meio de passes fluídicos, se não curar, ao menos aliviar sensivelmente um doente.

Termino as sessões de quinta-feira fazendo notar que nenhum Espírito obsessor continuou rebelde. Todos aqueles de que nos ocupamos acabaram por reconhecer seus erros, abandonaram suas vítimas e entraram em melhor caminho.”

A respeito das sessões de sábado, ele diz: “Essas sessões são abertas, como bem o sabeis, por uma conversa feita por um membro da Sociedade, sobre um assunto espírita, e termina por um resumo sucinto, feito pelo Presidente.

“Na conversa é deixado ao orador total liberdade de linguagem, contanto que não saia do quadro traçado por nosso regulamento. Ele encara sob o seu ponto de vista os diversos assuntos de que trata; desenvolve-os como bem entende e tira as consequências que julga convenientes; mas jamais poderia comprometer a responsabilidade da Sociedade.

No fim da sessão o Presidente resume os trabalhos e, se não estiver de acordo com a opinião do orador, combate-o, fazendo notar ao auditório que, do mesmo modo que o primeiro, não compromete outra responsabilidade senão a sua, deixando a cada um o uso do livre-arbítrio e o cuidado de julgar e decidir, segundo a sua consciência, de que lado está a verdade ou, pelo menos, quem dela mais se aproxima. Porque, para mim, a verdade é Deus; quanto mais dele nos aproximarmos – o que não podemos fazer senão nos depurando e trabalhando pelo nosso progresso – tanto mais próximos estaremos da verdade.”

Chamamos ainda a atenção para o parágrafo seguinte: “Embora tenhamos excelentes instrumentos para os nossos estudos, compreendemos que seu número se havia tornado insuficiente, sobretudo em presença da extensão sempre crescente da Sociedade. A escassez dos médiuns muitas vezes veio trazer obstáculos à marcha regular dos nossos trabalhos, e compreendemos que era necessário, tanto quanto possível, desenvolver as faculdades que jazem latentes na organização de muitos de nossos irmãos. É por isto que acabamos de decidir que uma sessão especial de ensaios mediúnicos seria realizada aos domingos, às duas horas da tarde, na sala de nossas reuniões.

Julguei dever para elas convidar não só nossos irmãos em crença, mas ainda os estrangeiros que desejassem tornar-se úteis. Estas sessões já deram resultados que ultrapassaram a nossa expectativa. Aí fazemos escrita, tiptologia, magnetismo. Várias faculdades muito diversas aí foram descobertas e daí saíram dois sonâmbulos que, parece, devem ser muito lúcidos.”

Não podemos senão aplaudir o programa da Sociedade de Bordeaux e cumprimentá-la por seu devotamento e pela inteligente direção de seus trabalhos. Um dos nossos colegas, de passagem por aquela cidade, assistiu ultimamente a algumas de suas sessões, delas trazendo a mais favorável impressão. Perseverando neste caminho, ela só poderá obter resultados cada vez mais satisfatórios, e jamais faltarão elementos para a sua atividade. A maneira por que procede para o tratamento das obsessões é, ao mesmo tempo, notável e instrutiva, e a melhor prova de que essa maneira é boa, é que dá resultado. Voltaremos depois a este assunto, em artigo especial.

Seria supérfluo realçar a utilidade das instruções verbais, que designa sob o simples nome de conversas. Além da vantagem de exercitar no manejo da palavra, elas têm outra, não menor, de provocar um estudo mais completo e mais sério dos princípios da doutrina, de facilitar a sua compreensão, de ressaltar a sua importância e, pela discussão, de trazer a luz sobre os pontos controvertidos. É o primeiro passo para conferências regulares, que não podem deixar de ocorrer, mais cedo ou mais tarde, e que, vulgarizando a doutrina, contribuirão poderosamente para retificar a opinião pública, falseada pela crítica mal-intencionada ou ignorante daquilo que ela é.





Refutar as objeções, discutir os sistemas divergentes, são pontos essenciais que importa não negligenciar, e que podem fornecer matéria para instruções úteis; não somente é um meio de dissipar os erros que poderiam ser acreditados, mas é fortalecer-se para as discussões particulares, que se pode ter que sustentar.

Nessas instruções orais, sem dúvida, muitos serão assistidos pelos Espíritos, e daí não podem deixar de sair médiuns falantes. Os que fossem contidos pelo temor de falar perante um auditório, devem lembrar-se de que Jesus dizia aos seus apóstolos: “Não vos inquieteis com o que haveis de dizer; as palavras vos serão inspiradas no momento mesmo.”

Um grupo de província, que pode ser classificado entre os mais sérios e mais bem dirigidos, introduziu este uso em suas reuniões, que igualmente se realizam duas vezes por semana. É composto exclusivamente de oficiais de um regimento. Mas aí não é uma faculdade deixada a cada membro; é uma obrigação, que lhes é imposta pelo regulamento, falar cada um por sua vez. Em cada sessão o orador designado para a próxima reunião deve preparar-se para desenvolver e comentar um capítulo ou um ponto da doutrina. Disso resulta para eles uma aptidão maior para fazer a propaganda e defender a causa, se necessário.

**Texto 13: Jean Ryzak. A força do remorso - agosto/1867**

Escrevem de Winschoten, em 2 de maio de 1867, ao Journal de Bruxelles: Sábado passado, um operário cavouqueiro de nossa comuna apresentou-se à casa do guarda rural, onde intimou esse funcionário a prendê-lo e o entregar à justiça, diante da qual, dizia, deveria fazer a confissão de um crime por ele cometido há vários anos. Levado à presença do burgomestre, esse operário, que declarou chamar-se J. Ryzak, fez o seguinte relato:

“Há cerca de doze anos eu era empregado nos trabalhos de dessecamento do lago de Harlem, quando um dia o cabo, pagando a minha quinzena, entregou-me o soldo devido a um de meus camaradas, com ordem de o entregar a este último. Gastei o dinheiro e, querendo evitar os dissabores das investigações, resolvi matar o amigo a quem acabava de roubar. Para isto, precipitei-o num dos abismos do lago, mas, vendo-o voltar à superfície e fazer esforços para nadar para a margem, dei-lhe duas facadas na nuca.

Tão logo cometi o crime, comecei a sentir remorso. Em breve tornou-se intolerável e foi-me impossível continuar no trabalho. Comecei por fugir do teatro do meu crime, e não achando em parte alguma do país nem paz nem trégua, embarquei para as Índias, onde me engajei no exército colonial. Mas lá, também, o espectro de minha vítima perseguiu-me noite e dia; minhas torturas eram incessantes e inauditas e, assim que terminou o meu tempo de serviço, uma força irresistível impeliu-me a voltar a Winschoten e a pedir à justiça o apaziguamento de minha consciência. Ela mo dará, impondo-me a expiação que julgar conveniente. E se ordenar que eu morra, prefiro este suplício à tortura que me faz experimentar, há doze anos, a toda hora do dia e da noite, o carrasco que trago no peito.”

Após esta declaração, e certificando-se de que o homem que estava à sua frente era são de espírito, o burgomestre requisitou a polícia, que prendeu Ryzak e relatou imediatamente o fato ao oficial de justiça.

Aqui se aguarda com emoção os desdobramentos que poderá ter este estranho acontecimento.

Instruções dos Espíritos sobre esse caso

(Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867 – Médiun: Srta. Lateltin)

Como sabeis, cada ser tem a liberdade do bem e do mal, o que chamais de livre-arbítrio. O homem tem em si a consciência, que o adverte quando fez bem ou fez mal, cometeu uma má ação ou descurou de fazer o bem; sua consciência que, como guardiã vigilante, encarregada de velar por ele, aprova ou desaprova sua conduta. Muitas vezes acontece que se mostre rebelde à sua voz, que repila suas inspirações; quer sufocá-la pelo esquecimento; mas jamais ela é completamente aniquilada para que, num dado momento, não desperte mais forte e mais poderosa e não exerça um severo controle de vossas ações.

A consciência produz dois efeitos diferentes: a satisfação de ter agido bem, a paz que deixa a consciência do dever cumprido, e o remorso que penetra e tortura quando se praticou uma ação reprovada por Deus, pelos homens ou pela honra. É, propriamente falando, o senso moral. O remorso é como uma serpente de mil voltas, que circula em redor do coração e o destrói; é o remorso que sempre faz ouvir as mesmas inflexões e vos grita: Fizeste uma ação má; deverás ser punido; teu castigo só cessará depois da reparação. E quando, a este suplício de uma consciência atormentada, vem juntar-se a visão constante da vítima, da pessoa a quem se fez o mal; quando, sem repouso nem trégua, sua presença exprobra ao culpado sua conduta indigna, repetindo-lhe incessantemente que sofrerá enquanto não tiver expiado e reparado o mal que fez, o suplício se torna intolerável. É então que, para pôr fim às suas torturas, seu orgulho se dobra e ele confessa seus crimes. O mal traz em si a sua pena, pelo remorso que deixa e pelos reproches feitos pela só presença daqueles contra os quais se agiu mal.

Crede-me, escutai sempre essa voz que vos adverte quando estais prestes a falir; não a sufoqueis pela revolta do vosso orgulho; e se falirdes, apressai-vos em reparar o mal, sem o que o remorso será a vossa punição. Quanto mais vos demorardes, mais penosa será a reparação e mais prolongado o suplício.

*Um Espírito*

(Mesma sessão – Médiun: Sra. B...)

Hoje tendes um exemplo notável da punição que sofrem, mesmo na Terra, os que se tornaram culpados de uma ação má. Não é somente no mundo invisível que a visão da vítima vem atormentar o assassino para o forçar ao arrependimento; lá onde a justiça dos homens não começou a expiação, a justiça divina faz começar, à revelia de todos, o mais lento e o mais terrível dos suplícios, o mais temível castigo.

Há certas pessoas que dizem que a punição infligida ao criminoso no mundo dos Espíritos, e que consiste na visão contínua de seu crime, não pode ser muito eficaz, e que em nenhum caso não é esta punição que, por si só, determina o arrependimento. Dizem que um naturalmente perverso, como é um criminoso, não pode senão amargar-se cada vez mais por essa visão, e assim se tornando pior. Os que assim falam não fazem ideia do que pode tornar-se um tal castigo; não sabem quanto é cruel esse espetáculo contínuo de uma ação que jamais se queria haver cometido. Certamente vemos alguns criminosos empedernidos, mas muitas vezes é só por orgulho e por quererem parecer mais fortes que a mão que os castiga; é para fazer crer que não se deixam abater pela visão de imagens vãs; mas essa falsa coragem não tem longa duração, pois logo os vemos fraquejar em presença desse suplício, que deve muito de seus efeitos à sua lentidão e persistência. Não há orgulho que possa resistir a esta ação, semelhante à da gota d'água sobre a rocha; por mais dura que possa ser a pedra, é inevitavelmente atacada, desagregada, reduzida a pó.

É assim que o orgulho, que faz com que esses infelizes se obstinem contra seu soberano senhor, mais cedo ou mais tarde é abatido, e que o arrependimento, enfim, pode ter acesso à sua alma. Como sabem que a origem de seus sofrimentos está em sua falta, pedem para repará-la, a fim de trazer um abrandamento a seus males.

Aos que pudessem duvidar, não tendes senão que citar o fato que vos foi assinalado esta noite; ali não é só a hipótese, não é mais o só ensinamento dos Espíritos, mas um exemplo de certo modo palpável, que se vos apresenta. Nesse exemplo, o castigo seguiu de perto a falta e foi tal que, ao cabo de vários anos, forçou o culpado a pedir a expiação de seu crime à justiça humana, e ele mesmo disse que todas as penas, a própria morte, lhe pareceriam menos cruéis do que aquilo que sofria, no momento em que se entregou à justiça.

#### *Um Espírito*

Observação de Kardec: Sem ir buscar aplicações do remorso nos grandes criminosos, que são exceções na sociedade, nós as encontramos nas mais ordinárias circunstâncias da vida. É esse sentimento que leva todo indivíduo a afastar-se daqueles contra os quais sente que tem censuras a se fazer; em presença deles sente-se mal; se a falta não for conhecida, ele teme ser adivinhado; parece-lhe que um olhar pode penetrar o fundo de sua consciência; vê em toda palavra, em todo gesto uma alusão à sua pessoa, razão por que, desde que se sente desmascarado, retira-se. O ingrato também foge de seu benfeitor, já que sua visão é uma censura incessante, da qual em vão procura desembaraçar-se, pois uma voz íntima lhe grita no fundo da consciência que ele é culpado.

Se o remorso já é um suplício na Terra, quão maior não será esse suplício no mundo dos Espíritos, onde não é possível subtrair-se à vista daqueles a quem se ofendeu! Felizes os que, tendo reparado já nesta vida, poderão sem receio enfrentar todos os olhares no mundo onde nada é oculto.

O remorso é uma consequência do desenvolvimento do senso moral; não existe onde o senso moral ainda se acha em estado latente. É por isto que os povos selvagens e bárbaros cometem sem remorsos as piores ações. Aquele, pois, que se pretendesse inacessível ao remorso, assimilar-se-ia ao bruto. À medida que o homem progride, o senso moral torna-se mais apurado; ofusca-se ao menor desvio do reto caminho. Daí o remorso, que é o primeiro passo para o retorno ao bem.

## Texto 14: Pressentimentos - novembro/1867

(Comentário de Kardec pertinente a matéria jornalística que citava vários casos de pressentimentos)

Devemos considerar nestes fatos duas coisas bem distintas: os pressentimentos e os fenômenos considerados como prognósticos de acontecimentos futuros.

Não se poderia negar os pressentimentos, dos quais há poucas pessoas que não tenham tido exemplos. É um desses fenômenos cuja explicação a matéria, sozinha, é impotente para dar, porque se a matéria não pensa, também não pode pressentir. É assim que o materialismo a cada instante se choca contra as coisas mais vulgares que o vêm desmentir.

Para ser advertido de maneira oculta daquilo que se passa ao longe e cujo conhecimento não podemos ter senão num futuro mais ou menos próximo pelos meios ordinários, é preciso que algo se desprenda de nós, veja e escute o que não podemos perceber pelos olhos e pelos ouvidos, para referir a sua intuição ao nosso cérebro. Esse algo deve ser inteligente, visto que compreende e, muitas vezes, de um fato atual ele prevê as consequências futuras; é assim que por vezes temos o pressentimento do futuro. Esse algo não é outra coisa senão nós mesmos, nosso ser espiritual, que não está confinado no corpo, como um pássaro na gaiola, mas que, semelhante a um balão cativo, se afasta momentaneamente da terra, sem deixar de a ela estar ligado.

É principalmente nos momentos em que o corpo repousa, durante o sono, que o Espírito, aproveitando o pequeno descanso que lhe deixa o cuidado de seu invólucro, recobra parcialmente a liberdade e vai haurir no espaço, entre os outros Espíritos, encarnados como ele, ou desencarnados, e naquilo que vê, ideias cuja intuição traz ao despertar.

Esta emancipação da alma frequentemente se dá no estado de vigília, nos momentos de absorção, de meditação e de devaneio, em que a alma parece não estar mais preocupada com a Terra; ocorre, sobretudo de maneira mais efetiva e mais ostensiva, nas pessoas dotadas do que se chama dupla vista ou visão espiritual.

Ao lado das intuições pessoais do Espírito, há que se colocar as que lhe são sugeridas por outros Espíritos, quer em vigília, quer durante o sono, pela transmissão de pensamento de alma a alma. É assim que muitas vezes se é advertido de um perigo, solicitado a tomar tal ou qual direção, sem que por isto o Espírito deixe de ter o seu livre-arbítrio. São conselhos, e não ordens, porque é sempre senhor de sua vontade.

Os pressentimentos têm, pois, a sua razão de ser e encontram a sua explicação natural na vida espiritual, que não cessamos um instante de viver, porque é a vida normal.

Já não se dá o mesmo com os fenômenos físicos, considerados como prognósticos de acontecimentos felizes ou infelizes. Em geral esses fenômenos não têm nenhuma ligação com as coisas que parecem pressagiar. Podem ser os precursores de efeitos físicos que são a sua consequência, como um ponto negro no horizonte pode pressagiar ao marinheiro uma tempestade, ou certas nuvens anunciar uma saraivada, mas a significação desses fenômenos para as coisas de ordem moral deve ser classificada entre as crenças supersticiosas, que nunca seriam combatidas com demasiada energia.

Essa crença, que absolutamente não repousa sobre nada de racional, faz que, quando chega um acontecimento, a gente se lembre de algum fenômeno que o precedeu, e ao qual o espírito impressionado o liga, sem se importar com a possibilidade de relações que só existem na imaginação. Não pensam que os mesmos fenômenos se repetem diariamente, sem que daí resulte nada de azarento, e que os mesmos acontecimentos chegam a cada instante sem serem precedidos por nenhum pretense sinal precursor. Se se tratar de acontecimentos que digam respeito a interesses gerais, narradores crédulos ou, no mais das vezes, oficiosos, para lhes exaltar a importância aos olhos da posteridade, amplificam os prognósticos, que se esforçam por tornar mais sinistros e mais terríveis, adicionando-lhes supostas perturbações da Natureza, das quais os tremores de terra e os eclipses são os acessórios obrigatórios, como fez o bispo de Rodez a propósito da morte de Henrique IV. Esses relatos fantásticos, que muitas vezes tinham sua fonte nos interesses dos partidos, foram aceitos sem exame pela credulidade popular que viu, ou à qual queriam fazer ver, milagres nesses estranhos fenômenos.



Quanto aos acontecimentos vulgares, na maioria das vezes o homem é a sua primeira causa. Não querendo confessar suas próprias fraquezas, busca uma desculpa pondo à conta da Natureza as vicissitudes que são quase sempre o resultado de sua imprevidência e de sua imperícia. É em suas paixões, em seus defeitos pessoais que deve buscar os verdadeiros prognósticos de suas misérias, e não na Natureza, que não se desvia da rota que Deus lhe traçou por toda a eternidade. Explicando por uma lei natural a verdadeira causa dos pressentimentos, o Espiritismo demonstra, por isso mesmo, o que há de absurdo na crença nos prognósticos. Longe de dar crédito à superstição, ele lhe tira seu último refúgio: o sobrenatural.

## Texto 15: Instruções das mulheres - abril/1868

(Joinville, Haute-Marne, 10 de março de 1868 – Médiun: Sra. P...)

Ditado espontâneo de um Espírito

Neste momento a instrução da mulher é uma das mais graves questões, porque não contribuirá pouco para realizar as grandes ideias de liberdade, que dormitam nos fundos dos corações.

Honra aos homens corajosos que tomaram a sua iniciativa! eles podem, de antemão, estar certos do sucesso de seus trabalhos. Sim, soou a hora da libertação da mulher; ela quer ser livre e para isto deve libertar a sua inteligência dos erros e dos preconceitos do passado. É pelo estudo que ela alargará o círculo de seus conhecimentos estreitos e mesquinhos. Livre, ela fundará a sua religião sobre a moral, que é de todos os tempos e de todos os países. Ela quer ser, ela será a companheira inteligente do homem, sua conselheira, sua amiga, a instrutora de seus filhos, e não um brinquedo, do qual se servem como uma coisa, e que depois deixam de lado para tomar uma outra.

Ela quer trazer a sua pedra ao edifício social, que se ergue neste momento ao poderoso sopro do progresso.

É verdade que, uma vez instruída, ela escapa das mãos daqueles que dela fazem um instrumento. Como um pássaro cativo, ela quebra a sua gaiola e voa para os vastos campos do infinito. É verdade que, pelo conhecimento das leis imutáveis que regem os mundos, ela compreenderá Deus de modo diferente do que lhe ensinam; não acreditará mais num Deus vingador, parcial e cruel, porque sua razão lhe dirá que a vingança, a parcialidade e a crueldade não podem conciliar-se com a justiça e a bondade; o seu Deus – dela – será todo amor, mansuetude e perdão.

Mais tarde ela conhecerá os laços de solidariedade que unem os povos entre si, e os aplicará em seu redor, espalhando com profusão tesouros de caridade, de amor e de benevolência para todos. Seja qual for a seita a que pertença, saberá que todos os homens são irmãos, e que o mais forte não recebeu a força senão para proteger o fraco e o elevar na sociedade ao verdadeiro lugar que deve ocupar.

Sim, a mulher é um ser perfectível como o homem, e suas aspirações são legítimas; seu pensamento é livre e nenhum poder do mundo tem o direito de a escravizar ao sabor de seus interesses ou de suas paixões. Ela reclama sua parte de Atividade intelectual, e a obterá, porque há uma lei mais poderosa que todas as leis humanas: a do progresso, à qual toda a Criação está submetida.

Observação de Kardec: Temos dito e repetido muitas vezes: a emancipação da mulher será a consequência da difusão do Espiritismo, porque ele funda os seus direitos, não numa ideia filosófica generosa, mas sobre a própria identidade do Espírito. Provando que não há Espíritos homens e Espíritos mulheres, que todos têm a mesma essência, a mesma origem e o mesmo destino, ele consagra a igualdade dos direitos. A grande lei da reencarnação vem, além disso, sancionar este princípio. Desde que os mesmos Espíritos podem encarnar, ora como homens, ora como mulheres, disso resulta que o homem que escraviza a mulher poderá ser escravizado por sua vez; que, assim, trabalhando pela emancipação das mulheres, os homens trabalham pela emancipação geral e, por conseguinte, em proveito próprio. As mulheres têm, pois, um interesse direto na propagação do Espiritismo, porque ele fornece em apoio de sua causa os mais poderosos argumentos que jamais foram invocados.

## Texto 16: Educação de além-túmulo - maio/1868

Escrevem-nos de Caen:

“Uma mãe e suas três filhas, querendo estudar a Doutrina Espírita, não podiam ler duas páginas sem sentir um mal-estar, de que não se davam conta. Um dia encontrei-me em casa dessas senhoras com uma jovem médium, sonâmbula muito lúcida; Esta adormeceu espontaneamente e viu perto de si um Espírito que reconheceu como o abade L..., antigo cura do lugar, morto há uns dez anos.

P. – Sois vós, senhor cura, que impedis esta família de ler?

Resp.– Sim, sou eu. Velo incessantemente sobre o rebanho confiado aos meus cuidados. Há muito tempo que vos vejo querer instruir minhas penitentes em vossa triste doutrina. Quem vos deu o direito de ensinar? Fizestes estudos para isto?

P. – Dizei-me, senhor abade, estais no céu?

Resp. – Não; não sou bastante puro para ver a Deus.

P. – Então estais nas chamas do purgatório?

Resp. – Não, pois não sofro.

P. – Vistes o inferno?

Resp.– Fazeis-me tremer! vós me perturbais! Não posso vos responder, porque talvez me digais que devo estar numa destas três coisas. Tremo ao pensar no que dizeis e, contudo, sou atraído para vós pela lógica de vossos raciocínios. Voltarei e discutirei convosco.

Com efeito, ele voltou muitas vezes. Discutimos e ele compreendeu tão bem que o entusiasmo o ganhou. Ultimamente exclamava: ‘Sim, agora sou espírita, dizei-o a todos os que ensinam. Ah! como gostaria que compreendessem Deus como este anjo mo fez conhecer!’ Falava de Cárita, que tinha vindo a nós, e diante da qual ele caiu de joelhos, dizendo que não era um Espírito, mas um anjo. Desde esse momento ele tomou por missão instruir os que pretendem instruir os outros.

Nosso correspondente acrescenta o seguinte fato:

Entre os Espíritos que vêm ao nosso círculo, tivemos o doutor X..., que se apodera do nosso médium, e que é como uma criança. É preciso dar-lhe explicações sobre tudo; ele avança, compreende e está cheio de entusiasmo; vai junto dos sábios que conheceu; quer explicar-lhes o que vê, o que agora sabe, mas eles não o compreendem; então se irrita e os trata de ignoros. Um dia, numa reunião de dez pessoas, ele se apoderou da mocinha, como de hábito (a jovem médium, pela qual fala e age); perguntou-me quem era eu e por que sabia tanto sem nada ter aprendido; tomou-me a cabeça com as mãos e disse: ‘Eis a matéria; aí me reconheço; mas como estou aqui, eu? como posso fazer falar este organismo que, entretanto, não é meu? Falais-me da alma; mas onde está a que habita este corpo?’

Depois de lhe ter feito notar o laço fluídico que une o Espírito ao corpo durante a vida, ele exclamou de repente, falando da jovem médium: ‘Conheço esta menina; eu a vi em minha casa; seu coração estava doente; como é que não está mais? Dizei-me quem a curou.’ Fiz-lhe ver que se enganava e que jamais a tinha visto. – ‘Não, disse ele, não me engano, e a prova é que lhe piquei o braço e ela não sentiu nenhuma dor.’

Quando a jovem despertou, nós lhe perguntamos se havia conhecido o doutor e se tinha ido consultá-lo. ‘Não sei, respondeu ela, se foi ele; mas, estando em Paris, levaram-me a um célebre médico, do qual não me lembro nem o nome, nem o endereço.’

Suas ideias se modificam rapidamente; é agora um Espírito no delírio da felicidade do que sabe; queria provar a todo o mundo que o nosso ensino é incontestável. O que sobretudo o preocupa é a questão dos fluidos. ‘Eu quero, diz ele, curar como o vosso amigo; não quero mais me servir de venenos; não os tomeis jamais.’ Estuda hoje o homem, não mais no seu organismo, mas em sua alma; fez-nos dizer como se operava a união da alma com o corpo na concepção, e pareceu muito feliz com isto. O bom doutor Demeure veio em seguida e nos disse que não nos admirássemos com as perguntas, por vezes pueris, que ele poderia fazer-nos; e disse: Ele é como uma criança, a quem se deve ensinara ler no grande livro da Natureza; mas,



como é ao mesmo tempo uma grande inteligência, instrui-se rapidamente, e para isso nós concorreremos do nosso lado.

Esses dois exemplos vêm confirmar estes três grandes princípios revelados pelo Espiritismo, a saber:

1º – Que a alma conserva no mundo dos Espíritos, por um tempo mais ou menos longo, as ideias e os preconceitos quentinha durante a vida terrestre;

2º – Que se modifica, progride e adquire novos conhecimentos no mundo dos Espíritos;

3º – Que os encarnados podem concorrer para o progresso dos Espíritos desencarnados.

Estes princípios, resultado de inumeráveis observações, têm uma importância capital, porque derrubam todas as ideias implantadas pelas crenças religiosas sobre o estado estacionário e definitivo dos Espíritos após a morte. Desde que é demonstrado o progresso no estado espiritual, todas as crenças fundadas sobre a perpetuidade de uma situação uniforme qualquer caem diante da autoridade dos fatos. Também caem diante da razão filosófica, que diz que o progresso é uma lei da Natureza, e que o estado estacionário dos Espíritos seria, ao mesmo tempo, a negação dessalei e da justiça de Deus.

Progredindo o Espírito fora da encarnação, disso resulta esta outra consequência não menos capital: que, voltando à Terra, traz a dupla conquista das existências anteriores e da erraticidade. Assim se realiza o progresso das gerações. É incontestável que quando o médico e o padre, dos quais se falou acima, renascerem, trarão ideias e opiniões completamente diversas das que tinham na existência que acabam de deixar; um não será mais fanático, o outro não será mais materialista, e ambos serão espíritas.

Há, pois, utilidade para o futuro da sociedade em se ocupar da educação dos Espíritos.



## Texto 17: A fome na Argélia (reprodução parcial) - maio/1868

Os detalhes dados pelos jornais sobre o flagelo que neste momento dizima as populações árabes da Argélia nada têm de exagerado, e são confirmados por todas as correspondências particulares. Um dos nossos assinantes de Sétif, o Sr. Dumas, houve por bem nos mandar uma fotografia, representando a multidão de indígenas, reunidos em frente à casa onde distribuem socorro. Esse desenho, de uma verdade dolorosa, é acompanhado da seguinte notícia impressa:

“Depois dos anos sucessivamente calamitosos que nossa grande colônia atravessou, um flagelo ainda mais terrível veio abater-se sobre ela: a fome.

Mal os primeiros rigores do inverno se fizeram sentir, vê-se que às nossas portas os árabes morrem de fome. Chegam em bandos numerosos, seminus, o corpo extenuado, chorando de fome e de frio, implorando a comiseração pública, disputando à voracidade dos cães alguns restos lançados com as imundícies na via pública.”

Os Espíritos não se enganaram quando anunciaram que flagelos de toda sorte devastariam a Terra. Sabe-se que a Argélia não é o único país em provação. Na Revista de julho de 1867, descrevemos a terrível doença que, há um ano, flagelava a ilha Maurício. Uma carta recente diz, que à doença, vieram juntar-se novas desgraças, e muitas outras regiões neste momento são vítimas de acontecimentos desastrosos.

Deve-se acusar a Providência por todas essas misérias? Não, mas a ignorância, a incúria, consequências da ignorância, o egoísmo, o orgulho e as paixões dos homens. Deus só quer o bem; fez tudo para o bem; deu aos homens os meios para serem felizes: a estes cabe aplicá-los, se não quiserem adquirir a experiência à própria custa. Seria fácil demonstrar que todos os flagelos poderiam ser conjurados, ou pelo menos atenuados, de maneira a lhes paralisar os efeitos; é o que faremos ulteriormente, numa obra especial. Os homens não devem culpar senão a si mesmos pelos males que suportam. A Argélia nos oferece neste momento um notável exemplo: são as populações árabes, despreocupadas e imprevidentes, embrutecidas pelo fanatismo, que sofrem fome, ao passo que os europeus souberam prevenir-se contra ela. Mas há outros flagelos, não menos desastrosos, contra os quais estes últimos ainda não souberam premunir-se.

A própria violência do mal constrangerá os homens a buscarem o remédio; e, quando, inutilmente, tiverem esgotado os paliativos, compreenderão a necessidade de atacar o mal na própria raiz, por meios heroicos. Este será um dos resultados da transformação que se opera na Humanidade.

Mas, dirão, que importa aos que sofrem agora a felicidade das gerações futuras? Terão tido o trabalho e os outros o proveito; terão trabalhado, suportado o fardo de todas as misérias inseparáveis da ignorância, preparado os caminhos, e os outros colherão, porque Deus os terá feito nascer em tempos melhores. Que faz às vítimas da exaustão da Idade Média o regime mais saudável no qual vivemos? Pode-se chamar a isto de justiça?

É notório que, até hoje, nenhuma filosofia, nenhuma doutrina religiosa tinha resolvido esta grave questão, de tão poderoso interesse, entretanto, para a Humanidade. Só o Espiritismo lhe dá uma solução racional pela reencarnação, essa chave de tantos problemas, que se julgavam insolúveis. Em virtude da pluralidade das existências, as gerações que se sucedem são compostas das mesmas individualidades espirituais, que renascem em diferentes épocas e aproveitam os melhoramentos que elas próprias prepararam, da experiência que adquiriram no passado. São novos homens que nascem; são os mesmos homens que renascem mais adiantados. Trabalhando cada geração para o futuro, na realidade trabalha para sua própria conta. A Idade Média foi, seguramente, uma época muito calamitosa; revivendo hoje, os homens daquele tempo se beneficiam do progresso realizado e são mais felizes, porque têm melhores instituições. Mas quem fez melhores estas instituições? Os mesmos que outrora as tinham feito más. Devendo os de hoje reviver mais tarde, num meio ainda mais depurado, recolherão o que houverem semeado; serão mais esclarecidos, e nem os seus sofrimentos, nem os seus trabalhos anteriores terão sido em vão. Que coragem, que resignação não lhes daria esta ideia, inculcada no espírito dos homens!

## Texto 18: Fotografia do pensamento - junho/1868

Ligando-se o fenômeno da fotografia do pensamento ao das criações fluídicas, descrito em nosso livro A Gênese, no capítulo dos fluidos, reproduzimos, para maior clareza, a passagem desse capítulo onde o assunto é tratado, e o completamos por novas observações.

Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais; o elemento donde eles tiram os materiais sobre que operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente, pela causa e pelos efeitos da luz ordinária; finalmente, o veículo do pensamento, como o ar o é o do som.

Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores – enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. – que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não quer isso dizer que haja conservado essas aparências, certo que não, porquanto, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zarolho, nem decapitado; o que se dá é que, retrocedendo o seu pensamento à época em que tinha tais defeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento.

Por análogo efeito, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar. Um avarento manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Para o Espírito, que é, também ele, fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais, como o eram, no estado material, para o homem vivo; mas, pela razão de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugitiva quanto a deste.

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se pois dizer, sem receio de errar, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Como se vê, é uma ordem de fatos inteiramente novos, que se passam fora do mundo tangível, e constituem, se assim nos podemos exprimir, a física e a química especiais do mundo invisível. Mas como, durante a encarnação, o princípio espiritual está unido ao princípio material, daí resulta que certos fenômenos do mundo espiritual se produzem conjuntamente com os do mundo material e são inexplicáveis por quem quer que não conheça as suas leis. Assim, o conhecimento dessas leis é tão útil aos encarnados quanto aos desencarnados, pois só ele pode explicar certos fatos da vida material.

Criando imagens fluídicas, o pensamento se reflete no envoltório perispírico, como num espelho, ou ainda como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores do ar; toma nele corpo e aí de certo modo se fotografa. Tenha um homem, por exemplo, a ideia de matar a outro: embora o corpo material se lhe conserve impassível, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento e reproduz todos os matizes



deste último; executa fluidicamente o gesto, o ato que intentou praticar. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira é pintada, como num quadro, tal qual se lhe desenrola no espírito.

Desse modo é que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. Os olhos do corpo veem as impressões interiores que se refletem nos traços do rosto: a cólera, a alegria, a tristeza; mas a alma vê nos traços da alma os pensamentos que não se traduzem no exterior.

Contudo, vendo a intenção, o vidente bem pode pressentir a execução do ato que lhe será a consequência, mas não pode determinar o instante em que o mesmo ato será executado, nem lhe assinalar os pormenores, nem, ainda, afirmar que ele se dê, porque circunstâncias ulteriores poderão modificar os planos assentados e mudar as disposições. Ele não pode ver o que ainda não esteja no pensamento do outro; o que vê é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus. Daí os erros nas previsões de certos videntes, quando um acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio do homem; não podem senão pressentir a sua probabilidade, conforme o pensamento que veem, mas não podem afirmar que ocorrerá de tal maneira e em tal momento. Além disso, a maior ou menor exatidão nas previsões depende da extensão e da clareza da visão psíquica; em certos indivíduos, Espíritos ou encarnados, ela é difusa ou limitada a um ponto, enquanto noutros é clara e abarca o conjunto dos pensamentos e das vontades que devem concorrer para a realização de um fato; mas, acima de tudo, há sempre a vontade superior, que pode, na sua sabedoria, permitir uma revelação ou impedi-la. Neste último caso, um véu impenetrável é lançado sobre a visão psíquica mais perspicaz. (Vide em A Gênese o capítulo da “Presciência”).

A teoria das criações fluídicas e, por consequência, da fotografia do pensamento, é uma conquista do Espiritismo moderno e, doravante, pode ser considerada como demonstrada em princípio, salvo as aplicações de detalhe, que resultam da observação. Esse fenômeno é, incontestavelmente, a fonte das visões fantásticas, e deve representar um grande papel em certos sonhos.

Pensamos que aí se pode encontrar a explicação da mediunidade pelo copo d’água. Desde que o objeto que se vê não pode estar no copo, a água deve fazer o papel de um espelho, que reflete a imagem criada pelo pensamento do Espírito. Essa imagem pode ser a reprodução de uma coisa real, como a de uma criação de fantasia. Em todo o caso, o copo d’água não é senão um meio de a reproduzir, mas não é o único, como o prova a diversidade dos processos empregados por alguns videntes. Este talvez convenha melhor a certas organizações.

## Texto 19: A fome entre os espíritos (reprodução parcial) - junho/1868

Um dos nossos correspondentes da Argélia nos informa, nos seguintes termos, sobre a morte do Sr. Bizet, cura de Sétif:

“O Sr. Bizet, cura de Sétif, faleceu em 15 de abril, com a idade de quarenta e três anos, vitimado, sem dúvida, pelas fadigas que suportou durante a fome, quando desenvolveu uma atividade e um devotamento verdadeiramente exemplares.

A Sociedade Espírita de Paris quis dar-lhe um testemunho de sua respeitosa simpatia, chamando-o ao seu seio, onde ele deu a seguinte comunicação:

Sociedade de Paris, 14 de maio de 1868

“Estou feliz, senhor, pelo benevolente apelo que houvestes por bem me dirigir, e ao qual considero uma honra e um prazer responder. Se não vim diretamente ao vosso meio, é que a perturbação da separação e o espetáculo novo com que fui ferido não mo permitiram. E, depois, não sabia a quem ouvir; encontrei muitos amigos, cujo simpático acolhimento me ajudou poderosamente a me reconhecer; mas também tive sob os olhos o atroz espetáculo da fome entre os Espíritos. Encontrei lá em cima muitos desses infelizes, mortos nas torturas da fome, ainda procurando em vão satisfazer a uma necessidade imaginária, lutando uns contra os outros para arrancar um pedaço de comida que se escondia em suas mãos, dilacerando-se mutuamente e, se posso dizer, se entredevorando; uma cena horrível, pavorosa, ultrapassando tudo quanto a imaginação humana pode conceber de mais desolador!... Muitos desses infelizes me reconheceram, e seu primeiro grito foi: Pão! Era em vão que eu tentava lhes fazer compreender a sua situação; eram surdos às minhas consolações. – Que coisa terrível é a morte em semelhantes condições, e como aquele espetáculo é mesmo susceptível de fazer refletir sobre o nada de certos pensamentos humanos!... Assim, enquanto na Terra se pensa que aqueles que partiram ao menos estão livres da tortura cruel que sofriam, percebe-se do outro lado que não é nada disso, e que o quadro não é menos sombrio, embora os autores tenham mudado de aparência.

Perguntais se eu era espírita. Se, por esta palavra, entendeis aceitar todas as crenças que a vossa doutrina preconiza, não; eu não chegava até lá. Eu admirava os vossos princípios; julgava-os capazes de trazer a salvação aos que sinceramente os punham em prática; mas tinha minhas reservas sobre um grande número de pontos. Não segui, a vosso respeito, o exemplo de meus confrades e de alguns de meus superiores, que eu interiormente censurava, porque sempre pensei que a intolerância era mãe da incredulidade, e que era preferível ter uma crença que levasse à caridade e à prática do bem, a não a ter absolutamente. Eu era espírita de fato? Não me cabe pronunciar-me a respeito.

Quanto ao pouco bem que pude fazer, estou realmente confuso com os exagerados elogios de que me tornaram objeto. Quem não teria agido como eu?... Não são ainda mais merecedores do que eu, se nisto há algum mérito, os que se devotaram em socorrer os infelizes árabes, e que a isto não foram levados senão pelo amor do bem?... Para mim a caridade era um dever, em consequência do caráter de que eu estava revestido. Faltando a ela, eu seria culpado, teria mentido a Deus e aos homens, aos quais eu havia consagrado a minha existência. Aliás, quem poderia ter ficado insensível diante de tantas misérias?...

Vós o vedes, fizeram como sempre: aumentaram enormemente os fatos; cercaram-me de uma espécie de celebridade, que me deixa confuso e magoado e pela qual sofro em meu amor-próprio. Porque, enfim, bem sei que não mereço tudo isto, e estou bem certo, senhor, de que me conhecendo melhor, reduzireis ao seu justo valor o ruído que fazem em volta de mim. Se tenho algum mérito, que mo concedam, concordo; mas que não me levantem um pedestal com uma reputação usurpada: eu não poderia consentir com isto.

Como vedes, senhor, ainda estou muito recente neste mundo novo para mim, sobretudo muito ignorante e mais desejoso de me instruir do que capaz de instruir os outros. Hoje os vossos princípios me parecem tanto mais justos quanto, depois de ter lido a sua teoria, vejo a sua mais larga aplicação prática. Assim, ficaria feliz em os assimilar completamente e vos seria reconhecido se me aceitásseis algumas vezes como um dos vossos ouvintes.”



### *Cura Bizet*

Observação de Kardec: A quem quer que não conheça a verdadeira constituição do mundo invisível, parecerá estranho que Espíritos, que segundo eles são seres abstratos, imateriais, indefinidos, sem corpo, sejam vítimas dos horrores da fome; mas o espanto cessa quando se sabe que esses mesmos Espíritos são seres como nós; que têm um corpo, fluídico é verdade, mas que não deixa de ser matéria; que, deixando seu invólucro carnal, certos Espíritos continuam a vida terrestre com as mesmas vicissitudes, durante um tempo mais ou menos longo. Isto parece singular, mas é, e a observação nos ensina que tal é a situação dos Espíritos que viveram mais a vida material do que a vida espiritual, situação por vezes terrível, porque a ilusão das necessidades da carne se faz sentir, e se tem todas as angústias de uma necessidade impossível de satisfazer. O suplício mitológico de Tântalo, nos Antigos, acusa um conhecimento mais exato do que se supõe, do estado do mundo de além-túmulo, sobretudo mais exato que entre os modernos.

Completamente diversa é a posição dos que, desde esta vida, se desmaterializaram pela elevação de seus pensamentos e sua identificação com a vida futura. Todas as dores da vida corporal cessam com o último suspiro e logo o Espírito plana, radioso, no mundo etéreo, feliz como o prisioneiro liberto de suas cadeias.

Quem nos disse isto? É um sistema, uma teoria? Alguém disse que deveria ser assim e se acredita sob palavra? Não; são os próprios habitantes do mundo invisível que o repetem em todos os pontos do globo, para ensinamento dos encarnados. Sim, legiões de Espíritos continuam a vida corporal com suas torturas e suas angústias. Mas quais? Os que ainda estão muito avassalados à matéria para dela se desprenderem instantaneamente. É uma crueldade do Ser Supremo? Não; é uma lei da Natureza, inerente ao estado de inferioridade dos Espíritos e necessária ao seu adiantamento; é uma prolongação mista da vida terrena durante alguns dias, alguns meses, alguns anos, conforme o estado moral dos indivíduos. Estariam aptos para tachar de barbárie essa legislação, aqueles que preconizam o dogma das penas eternas, irremissíveis, e as chamas do inferno como um efeito da soberana justiça? Podem eles fazer um paralelo entre a situação temporária, sempre subordinada à vontade do indivíduo de progredir, e a possibilidade de avançar por novas encarnações?

Aliás, não depende de cada um escapar a essa vida intermediária, que, francamente, nem é a vida material, nem a vida espiritual? Os espíritas a ela escapam naturalmente, porque, compreendendo o estado do mundo espiritual antes de nele entrar, imediatamente se dão conta de sua situação.

As evocações nos mostram uma multidão de Espíritos que ainda se julgam deste mundo: suicidas, supliciados que não suspeitam que estão mortos e sofrem o seu gênero de morte; outros que assistem ao próprio enterro, como se fosse o de um estranho; avarentos que guardam seus tesouros, soberanos que julgam mandar ainda e que ficam furiosos por não serem obedecidos; depois de grandes desastres marítimos, naufragos que lutam contra o furor das ondas; após uma batalha, soldados que se batem; e, ao lado disto, Espíritos radiosos, que nada mais têm de terrestre e são para os encarnados o que a borboleta é para alagarta. Pode perguntar-se para que servem as evocações, quando nos dão a conhecer, até nos mais ínfimos detalhes, esse mundo que nos espera a todos, ao sairmos deste? É a Humanidade encarnada que conversa com a Humanidade desencarnada; o prisioneiro que fala com o homem livre. Não, por certo elas nada servem ao homem superficial que nisto só vê um divertimento; elas não lhe servem mais do que a física e a química recreativas para a sua instrução. Mas para o filósofo, observador sério, que pensa no amanhã da vida, é uma grande e salutar lição; é todo um mundo novo que se descobre; é a luz lançada sobre o futuro; é a destruição dos preconceitos seculares sobre a alma e a vida futura; é a sanção da solidariedade universal que liga todos os seres. Dirão que se pode ser enganado; sem dúvida, como se o pode sobre todas as coisas, mesmo as que se vê e se toca; tudo depende da maneira de observar.

O quadro que apresenta o cura Bizet nada tem, pois, de estranho; vem, ao contrário, confirmar, por mais um grande exemplo, o que já se sabia; e, o que afasta toda ideia de reflexão de pensamentos, é que o fez espontaneamente, sem que ninguém pensasse em chamar sua atenção sobre aquele ponto. Por que, então, teria vindo dizer, sem que se lhe perguntasse, se aquilo era assim ou não? Sem dúvida a isto foi levado para a nossa instrução. Aliás, toda a comunicação traz um cunho de gravidade, de sinceridade e de modéstia, que é bem o seu caráter e que não é próprio dos Espíritos mistificadores.

## Texto 20: A ciência da concordância dos números e a fatalidade (reprodução parcial) - julho/1868

Várias vezes já nos perguntaram o que pensamos da concordância dos números, e se cremos no valor dessa ciência. Nossa resposta é bem simples: até o momento nada pensamos a respeito, porque com ela jamais nos ocupamos. Bem que temos visto alguns casos de concordâncias singulares entre as datas de certos acontecimentos, mas em pequeníssimo número para delas tirar uma conclusão, mesmo aproximada. A bem dizer, não vemos a razão de tal coincidência; mas, porque não se compreende uma coisa, isto não é motivo para que ela não exista. A Natureza não disse a sua última palavra, e o que hoje é utopia, amanhã pode ser verdade. É possível que, entre os fatos, exista uma certa correlação, que não suspeitamos, e que poderia traduzir-se por números. Em todo o caso, não se poderia dar o nome de ciência a um cálculo tão hipotético quanto o das relações numéricas, no que concerne à sucessão dos acontecimentos. Uma ciência é um conjunto de fatos bastante numerosos para deles se deduzirem regras, e susceptíveis de demonstração. Ora, no estado atual dos nossos conhecimentos, seria de absoluta impossibilidade dar dos fatos desse gênero uma teoria qualquer, nem nenhuma explicação satisfatória. Não é, pois, ou, se preferirem, não é ainda uma ciência, o que não implica a sua negação.

Há fatos sobre os quais temos uma opinião pessoal; no caso de que se trata, não temos nenhuma, e se nos inclinássemos para um lado, seria antes para a negativa, até prova em contrário.

Tendo sido a questão exposta aos Espíritos num grupo muito sério do interior, e por isto mesmo geralmente bem assistido, foi respondido:

“Há, certamente, no conjunto dos fenômenos morais, como nos fenômenos físicos, relações fundadas sobre os números. A lei da concordância das datas não é uma quimera; é uma das que vos serão reveladas mais tarde, e vos darão a chave das coisas que vos parecem anomalias. Porque, crede-o bem, a Natureza não tem caprichos; marcha sempre com precisão e com segurança. Aliás, esta lei não é tal qual imaginais; para a compreender na sua razão de ser, no seu princípio e na sua utilidade, necessitais adquirir ideias que ainda não possuíis, e que virão a seu tempo. No momento, este conhecimento seria prematuro, razão por que não vos é dado; seria, pois, inútil insistir. Limitai-vos a recolher os fatos; observai sem nada concluir, com receio de vos enganar. Deus sabe dar aos homens o alimento intelectual à medida que estão em condição de o suportar. Trabalhai sobretudo no vosso adiantamento moral, o mais essencial, porque é por este que merecereis possuir novas luzes.”

Mas, dirão, se os acontecimentos que decidem a sorte da Humanidade, de uma nação, de uma tribo, têm prazos regulados por uma lei numérica, será a consagração da fatalidade e, então, em que se torna o livre-arbítrio do homem? Estará o Espiritismo laborando em erro, quando diz que nada é fatal, e que o homem é o senhor absoluto de suas ações e de sua sorte?

Para responder a esta objeção, há que tomar a questão de mais alto. Antes de mais, digamos que o Espiritismo jamais negou a fatalidade de certas coisas e que, ao contrário, sempre a reconheceu; mas ele diz que essa fatalidade não entrava o livre-arbítrio. Eis o que é fácil demonstrar.

Todas as leis que regem o conjunto dos fenômenos da Natureza têm consequências necessariamente fatais, isto é, inevitáveis, e essa fatalidade é indispensável à manutenção da harmonia universal. O homem, que sofre essas consequências, está, pois, em alguns aspectos, submetido à fatalidade, em tudo quanto não dependa de sua iniciativa. Assim, por exemplo, deve morrer fatalmente; é a lei comum, à qual não pode subtrair-se e, em virtude dessa lei, pode morrer em qualquer idade, quando chegar a sua hora; mas, se apressa voluntariamente a sua morte, pelo suicídio ou por seus excessos, age em virtude de seu livre-arbítrio, porque ninguém o pode constranger a fazê-lo. Deve comer para viver: é a fatalidade; mas se comer além do necessário, pratica um ato de liberdade.

Em sua cela, o prisioneiro é livre de mover-se à vontade, no espaço que lhe é concedido; mas as paredes que não pode transpor são para ele a fatalidade que lhe restringe a liberdade. Para o soldado a disciplina é uma fatalidade, pois o obriga a atos independentes de sua vontade, mas não é menos livre em

suas ações pessoais, pelas quais é responsável. Assim é com o homem na Natureza. A Natureza tem as suas leis fatais, que lhe opõem uma barreira, mas aquém da qual ele pode mover-se à vontade.

Por que Deus não deu ao homem inteira liberdade? Porque Deus é como um pai providente, que limita a liberdade dos filhos ao nível de seu raciocínio e do uso que dela podem fazer. Se o homem já se serve tão mal da que lhe é concedida, se não sabe governar-se a si mesmo, que seria se as leis da Natureza estivessem à sua disposição, e se não lhe opusessem um freio salutar?

O homem pode, pois, ser livre em suas ações, malgrado a fatalidade que preside ao conjunto; é livre em certa medida, no limite necessário para lhe deixar a responsabilidade de seus atos. Se, em virtude dessa liberdade, ele perturba a harmonia pelo mal que faz, se interpõe um obstáculo à marcha providencial das coisas, é primeiro a sofrer por isto, e como as leis da Natureza são mais fortes que ele, acaba sendo arrastado na corrente; então sente necessidade de voltar para o bem e tudo retoma o seu equilíbrio. Assim, a volta ao bem é ainda um ato livre, embora provocado, mas não imposto, pela fatalidade.

O impulso dado pelas leis da Natureza, assim como os limites que elas estabelecem, são sempre bons, porque a Natureza é a obra da sabedoria divina. A resistência a essas leis é um ato de liberdade e essa resistência sempre desencadeia o mal. Sendo o homem livre para observar ou infringir essas leis, no que toca a sua pessoa, é, pois, livre de fazer o bem ou o mal. Se pudesse ser fatalmente levado a fazer o mal, e não podendo essa facilidade vir senão de um poder superior a ele, Deus seria o primeiro a transgredir suas leis.

Quem é aquele a quem muitas vezes aconteceu dizer: “Se eu não tivesse agido como agi em tal circunstância, não estaria na posição em que estou; se tivesse que recomeçar, agiria de outra maneira?” Não era reconhecer que era livre para fazer ou não fazer? que estava livre para fazer melhor outra vez, se se apresentasse ocasião? Ora, Deus, que é mais sábio que ele, prevendo os erros nos quais pode cair, o mal uso que pode fazer de sua liberdade, dá-lhe indefinidamente a possibilidade de recomeçar pela sucessão de suas existências corporais, e ele recomeçará até que, instruído pela experiência, não mais se engane de caminho.

O homem pode, pois, conforme a sua vontade, apressar o termo de suas provas, e é nisto que consiste a liberdade. Agradecemos a Deus por não nos ter fechado para sempre o caminho da felicidade, decidindo a nossa sorte definitiva após uma existência efêmera, notoriamente insuficiente para alcançarmos o topo da escada do progresso, e por nos haver dado, pela fatalidade mesma da reencarnação, os meios de adquirir incessantemente, renovando as provas nas quais fracassamos.

Tendo o homem o seu livre-arbítrio, a fatalidade não participa de suas ações individuais; quanto aos acontecimentos da vida privada, que por vezes parecem atingi-lo fatalmente, têm duas fontes bem distintas: uns são consequência direta de sua conduta na existência presente; muitas pessoas são infelizes, doentes, enfermas por sua falta; muitos acidentes são resultado da imprevidência; ele não pode queixar-se senão de si mesmo, e não da fatalidade ou, como se diz, de sua má estrela. Os outros são completamente independentes da vida presente e, por isto mesmo, parecem devidos a uma certa fatalidade; mas, ainda aqui, o Espiritismo nos demonstra que essa fatalidade é apenas aparente, e que certas situações penosas da vida têm sua razão de ser na pluralidade das existências. O Espírito as escolheu voluntariamente na erraticidade, antes de sua encarnação, como provações para o seu adiantamento; elas são, pois, produto do livre-arbítrio, e não da fatalidade. Se algumas vezes são impostas, como expiação, por uma vontade superior, é ainda em razão das más ações voluntariamente cometidas pelo homem numa precedente existência, e não como consequência de uma lei fatal, pois ele poderia tê-las evitado, agindo de outro modo.

A fatalidade é o freio imposto ao homem por uma vontade superior à sua, e mais sábia que ele, em tudo o que não é deixado à sua iniciativa; mas jamais é um entrave ao exercício de seu livre-arbítrio, no que concerne às suas ações pessoais. Ela também não pode impor-lhe nem o mal, nem o bem; desculpar uma ação má qualquer pela fatalidade ou, como se diz muitas vezes, pelo destino, seria abdicar do julgamento que Deus lhe deu, para pesar o pró e o contra, a oportunidade ou a inoportunidade, as vantagens ou os inconvenientes de cada coisa. Se um acontecimento está no destino de um homem, ele se realizará, a despeito de sua vontade, e será sempre para o seu bem; mas as circunstâncias da realização dependem do uso que ele faça de seu livre-arbítrio, e muitas vezes ele pode fazer redundar em seu prejuízo o que deveria ser um bem, se agir com imprevidência, e se se deixar arrastar pelas paixões. Engana-se mais ainda se toma o seu desejo ou os desvios de sua imaginação por seu destino.

## Texto 21: A geração espontânea e a Gênese (reprodução parcial) - julho/1868

Em nossa obra A Gênese, desenvolvemos a teoria da geração espontânea, apresentando-a como uma hipótese provável.

Alguns partidários absolutos desta teoria admiraram-se de que não a tivéssemos afirmado como princípio. A isto responderemos que, se a questão está resolvida para uns, não o está para todos, e a prova é que a Ciência ainda está dividida a respeito. Aliás, ela é do domínio científico, onde o Espiritismo não pode colher e onde nada lhe cabe resolver de maneira definitiva, naquilo que não é essencialmente de sua alçada.

Pelo fato de o Espiritismo assimilar todas as ideias progressistas, não se segue que se faça campeão cego de todas as concepções novas, por mais sedutoras que sejam à primeira vista, com o risco de receber, mais tarde, um desmentido da experiência e de se expor ao ridículo de haver patrocinado uma obra inviável. Se não se pronuncia claramente sobre certas questões controversas, não é, como poderiam crer, para condescender com os dois partidos, mas por prudência, e para não se adiantar levemente num terreno ainda não suficientemente explorado. Eis por que não aceita imediatamente as ideias novas, mesmo as que lhe pareçam justas, senão sob muita reserva, e de maneira definitiva apenas quando chegaram ao estado de verdades reconhecidas.

A questão da geração espontânea está neste número. Para nós, pessoalmente, é uma convicção, e se a tivéssemos tratado numa obra comum, tê-la-íamos resolvido pela afirmativa; mas numa obra constitutiva da Doutrina Espírita, as opiniões individuais não podem fazer lei; não se baseando a Doutrina em probabilidades, não podíamos decidir uma questão de tal gravidade, apenas despontada, e que ainda está em litígio entre os especialistas. Afirmando a coisa sem restrição, teria sido comprometer a Doutrina prematuramente, o que jamais fazemos, mesmo para fazer prevalecerem as nossas simpatias.

Dito isto, completaremos com algumas observações o que dissemos em A Gênese, no que concerne à geração espontânea. Sendo a Revista um terreno de estudo e de elaboração dos princípios, e nela dando sem rodeios a nossa opinião, não tememos empenhar a responsabilidade da Doutrina, porque a Doutrina a adotará, se for justa, e a rejeitará, se for falsa.

Hoje é fato cientificamente demonstrado que a vida orgânica nem sempre existiu na Terra, e que aí teve um começo; a Geologia permite seguir o seu desenvolvimento gradual. Os primeiros seres do reino vegetal e do reino animal que então apareceram, devem ter-se formado sem procriação, e pertencer às classes inferiores, como o constata as observações geológicas. À medida que os elementos dispersos se reuniram, as primeiras combinações formaram corpos exclusivamente inorgânicos, isto é, pedras, águas e minerais de toda sorte. Quando esses mesmos elementos se modificaram pela ação do fluido vital – que não é o princípio inteligente – formaram corpos dotados de vitalidade, de uma organização constante e regular, cada um na sua espécie. Ora, assim como a cristalização da matéria bruta não ocorre senão quando uma causa acidental vem opor-se ao arranjo simétrico das moléculas, os corpos organizados se formam desde que as circunstâncias favoráveis de temperatura, umidade, repouso ou movimento, e uma espécie de fermentação permitam que as moléculas da matéria, vivificadas pelo fluido vital, se reúnam. É o que se vê em todos os germes em que a vitalidade pode ficar latente durante anos e séculos, e se manifestar num dado momento, quando as circunstâncias são propícias.

Os seres não procriados formam, pois, o primeiro escalão dos seres orgânicos e, provavelmente, serão contados um dia na classificação científica. Quanto às espécies que se propagam pela procriação, uma opinião que não é nova, mas que hoje se generaliza sob a égide da Ciência, é que os primeiros tipos de cada espécie são o produto de uma modificação da espécie imediatamente inferior. Assim, estabeleceu-se uma cadeia ininterrupta, desde o musgo e o líquen, até o carvalho, e depois o zoófito, o verme da terra e o ácaro até o homem. Sem dúvida, entre o verme da terra e o homem, se se considerarem apenas os dois pontos extremos, há uma diferença que parece um abismo; mas quando se aproximam todos os elos intermediários, encontra-se uma filiação sem solução de continuidade.

Os partidários desta teoria que, repetimos, tende a prevalecer, e à qual nos ligamos sem reserva, estão longe de ser todos espiritualistas, e ainda menos espíritas. Não considerando senão a matéria, fazem abstração do princípio espiritual ou inteligente. Essa questão, pois, nada prejudica sobre a filiação desse



princípio da animalidade na humanidade; é uma tese que não vamos tratar hoje, mas que já se debate em certas escolas filosóficas não materialistas. Não se trata, portanto, senão do invólucro carnal, distinto do Espírito, como a casa o é de seu habitante. Então o corpo do homem pode ser perfeitamente uma modificação do corpo do macaco, sem que se conclua que o seu espírito seja o mesmo que o do macaco. (A Gênese, cap. XI, número 15.)

A questão que se liga à formação desse invólucro não deixa de ser muito importante, primeiro porque resolve um grave problema científico e destrói preconceitos de longa data arraigados pela ignorância, e depois porque os que o estudam exclusivamente esbarrarão com dificuldades insuperáveis, quando quiserem se dar conta de todos os efeitos, absolutamente como se quisessem explicar os efeitos da telegrafia sem a eletricidade. Não encontrarão a solução dessas dificuldades senão na ação do princípio espiritual que, afinal de contas, deverão admitir, para sair do impasse em que estarão empenhados, sob pena de deixar incompleta a sua teoria.

Deixemos, pois, o materialismo estudar as propriedades da matéria; esse estudo é indispensável, e será feito: o espiritualismo terá apenas que completar o trabalho naquilo que lhe concerne. Aceitemos suas descobertas e não nos inquietemos com suas conclusões absolutas, porquanto, estando demonstrada a sua insuficiência para tudo resolver, as necessidades de uma lógica rigorosa conduzirão forçosamente à espiritualidade; e sendo a própria espiritualidade geral incapaz de resolver os inúmeros problemas da vida presente e da vida futura, será encontrada a única chave possível nos princípios mais positivos do Espiritismo.

Já vemos uma porção de homens chegarem por si mesmos às consequências do Espiritismo, sem o conhecer, uns começando pela reencarnação, outros pelo perispírito. Fazem como Pascal, que descobria os elementos da Geometria sem estudo prévio, e sem suspeitar que aquilo que imaginava ter descoberto era uma obra realizada. Dia virá em que pensadores sérios, estudando esta doutrina com a atenção que ela comporta, ficarão muito surpreendidos de aí encontrar o que procuravam, e proclamarão todo feito um trabalho cuja existência não suspeitavam.

É assim que tudo se encadeia no mundo; da matéria bruta saíram os seres orgânicos, cada vez mais aperfeiçoados; do materialismo saíram, pela força das coisas e por dedução lógica, o espiritualismo geral, depois o Espiritismo, que não é outra coisa senão o espiritualismo particularizado, apoiado nos fatos. O que se passou na origem do mundo para a formação dos primeiros seres orgânicos, passa-se em nossos dias, por meio do que se chama a geração espontânea? Eis a questão. Por nossa conta, não hesitamos em nos pronunciar pela afirmativa.

Os partidários e os adversários se opõem reciprocamente experiências que deram resultados contrários; mas estes últimos esquecem que o fenômeno não pode produzir-se senão em condições adequadas de temperatura e aeração; buscando obtê-las fora dessas condições, devem necessariamente fracassar. Sabe-se, por exemplo, que para a eclosão artificial dos ovos, há necessidade de uma determinada temperatura regular, e certas precauções minuciosas especiais. Quem negasse tal eclosão porque não a tivesse obtido com alguns graus a mais ou a menos, e sem as precauções necessárias, estaria no mesmo caso daquele que não obtém a geração espontânea num meio impróprio. Parece-nos, pois, que se essa geração se produziu forçosamente nas primeiras idades do globo, não há razão para que não se produza em nossa época, se as condições forem as mesmas, como não há razão para que não se formem calcários, óxidos, ácidos e sais, como no primeiro período.

## Texto 22: Proteção do Espírito dos santos patronos - setembro/1868

A pergunta seguinte nos foi proposta ultimamente por um dos nossos assinantes:

Pondo de lado todo preconceito de seita e de ideia mística, a qualificação de santo denota uma certa superioridade espiritual, porque, para merecer esse título, é preciso ter-se distinguido por atos meritórios quaisquer. De acordo com isto, e sendo a coisa considerada do ponto de vista espírita, os santos, sob cuja invocação nos colocam ao nascermos, não se tornam nossos protetores naturais, e quando se celebra a festa patronímica de alguém, aquele do qual tomou o nome não é atraído por simpatia e a ela não se associa, ao menos por pensamento, quando não por sua presença?

Há nesta pergunta dois pontos a considerar, e que devem ser examinados separadamente.

Os espíritas sabem, melhor que ninguém, que o pensamento atrai o pensamento, e que a simpatia dos Espíritos, sejam ou não beatificados, é solicitada por nossos sentimentos a seu respeito. Ora, o que é que determina, em geral, a escolha dos nomes? Uma veneração particular pelo santo que o tinha? admiração por suas virtudes? confiança em seus méritos? o pensamento de o dar como modelo ao recém-nascido? Perguntai à maioria dos que o escolhem se sabem quem foi, o que fez, quando viveu, por que se distinguiu, se conheciam uma só de suas ações. Se se excetuarem alguns santos cuja história é popular, quase todos são totalmente desconhecidos e, sem o calendário, o público nem mesmo saberia se tinham existido. Assim, nada pode, pois, atrair o seu pensamento antes para um do que para outro. Admitamos que, para certas pessoas, o título de santo baste e que se pode tomar um nome de confiança, desde que esteja na lista dos bem-aventurados, preparada pela Igreja, sem que seja preciso saber mais: é uma questão de fé.

Mas, então, para essas mesmas pessoas, quais são os motivos determinantes? Há dois que predominam quase sempre. O primeiro é, muitas vezes, o desejo de agradar a algum parente ou amigo, cujo amor-próprio se quer adular, dando seu nome ao recém-nascido, sobretudo se daquele espera alguma coisa, porque se fosse um pobre diabo, sem crédito e sem consistência, não lhe fariam esta honra. Nisto visam muito mais a proteção do homem que a do santo.

O segundo motivo é ainda mais mundano. O que se busca quase sempre num nome é a forma graciosa, uma consonância agradável. Sobretudo num certo mundo, querem nomes bem sofisticados, que tenham um cunho de distinção. Há outros que são repelidos impiedosamente, porque não agradam ao ouvido, nem à vaidade, mesmo que fossem de santos ou de santas mais dignos de veneração. E, depois, muitas vezes o nome é uma questão de moda, como a forma de um penteado.

É preciso convir que essas santas personagens em geral devem ser pouco tocadas pelos motivos da preferência que lhes concedem; na realidade, não têm nenhuma razão especial para se interessarem, mais que por outros, por aqueles que têm o seu nome, perante os quais são como esses parentes afastados, dos quais só se lembram quando esperam uma herança.

Os espíritas, que compreendem o princípio das relações afetuosas entre o mundo corporal e o mundo espiritual, agiriam de outro modo em tal circunstância. Ao nascer uma criança, os pais escolheriam, entre os Espíritos, beatificados ou não, antigos ou modernos, amigos, parentes ou estranhos à família, um daqueles que, com seu conhecimento, deram provas irrecusáveis de sua superioridade, por sua vida exemplar, pelos atos meritórios que praticavam, pela prática das virtudes recomendadas pelo Cristo: a caridade, a humildade, a abnegação, o devotamento desinteressado à causa da Humanidade, numa palavra, por tudo quanto sabem ser uma causa de adiantamento no mundo dos Espíritos; invocá-lo-iam solenemente e com fervor, pedindo-lhe que se unisse ao anjo-da-guarda da criança para a proteger na vida que vai percorrer, guiá-la com seus conselhos e suas boas inspirações; e em sinal de aliança daria a essa criança o nome do Espírito. O Espírito veria nessa escolha uma prova de simpatia e aceitaria com prazer uma missão que seria um testemunho de estima e de confiança.

Depois, à medida que a criança crescesse, ensinar-lhe-iam a história de seu protetor; contar-lhe-iam suas boas ações; ele saberia por que tem esse nome e esse nome sempre lhe lembraria um belo modelo a seguir. É então que na festa de aniversário o protetor invisível não deixaria de associar-se, porque teria seu lugar no coração dos assistentes.

### Texto 23: A poltrona dos antepassados - setembro/1868

Contaram-nos que em casa de um escritor-poeta de grande renome, há um costume que parecerá bizarro a quem quer que não seja espírita. À mesa da família há sempre uma poltrona vazia; essa poltrona é fechada por um cadeado e ninguém nela se assenta: é o lugar dos antepassados, dos avós e dos amigos que deixaram este mundo; lá está como respeitoso testemunho de afeição, uma piedosa lembrança, um apelo à sua presença, e para lhes dizer que vivem sempre no espírito dos sobreviventes.

A pessoa que nos relatou o fato, como vindo de boa fonte, acrescentou: “Os espíritas repelem, e com razão, as coisas puramente formais; mas se há uma que possam adotar sem derrogar seus princípios, sem dúvida é esta.”

Seguramente, eis um pensamento que jamais brotaria no cérebro de um materialista; não só ele atesta a ideia espiritualista, mas é eminentemente espírita e não nos surpreende absolutamente da parte de um homem que, sem arvorar abertamente a bandeira do Espiritismo, muitas vezes afirmou sua crença nas verdades fundamentais que dele decorrem.

Há nesse uso algo de tocante, de patriarcal e que impõe respeito. Com efeito, quem ousaria ridicularizá-lo? Não é uma dessas fórmulas estéreis, que nada dizem à alma: é a expressão de um sentimento que parte do coração, o sinal sensível do laço que une os presentes aos ausentes. Essa cadeira, aparentemente vazia, mas que o pensamento ocupa, é toda uma profissão de fé, e mais, todo um ensinamento, tanto para os grandes, quanto para os pequenos. Para as crianças, é uma eloquente lição, embora muda, que não pode deixar de produzir salutarens impressões. Os que forem educados nessas ideias jamais serão incrédulos, porque, mais tarde, a razão virá confirmar as crenças com que terão sido embaladas. A ideia da presença, em torno deles, de seus avós ou de pessoas veneradas, será para eles um freio mais poderoso que o medo do diabo.

## Texto 24: O Espiritismo é uma religião? - dezembro/1868

**Sessão anual comemorativa do dia dos mortos- discurso de Kardec**

*Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, aí estarei com elas.” S. Mateus, 18:20*

Caros irmãos e irmãs espíritas,

Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para darmos àqueles irmãos nossos que deixaram a Terra um testemunho particular de simpatia, para continuarmos as relações de afeição e de fraternidade que existiam entre eles e nós, quando eram vivos, e para invocarmos sobre eles a bondade do Todo-Poderoso. Mas, por que nos reunirmos? Não podemos fazer em particular o que cada um de nós propõe fazerem comum? Qual a utilidade de assim nos reunirmos num dia determinado?

Jesus no-lo indica pelas palavras que referimos acima.

Esta utilidade está no resultado produzido pela comunhão de pensamentos que se estabelece entre pessoas reunidas com o mesmo objetivo. Comunhão de pensamentos! Compreendemos bem todo o alcance desta expressão? Seguramente, até este dia, poucas pessoas dela tinham feito uma ideia completa. O Espiritismo, que nos explica tantas coisas pelas leis que revela, ainda vem explicar a causa e a força dessa situação do espírito.

Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento é uma força; mas uma força puramente moral e abstrata? Não: do contrário não se explicariam certos efeitos do pensamento e, ainda menos, a comunhão de pensamento. Para compreendê-lo, é preciso conhecer as propriedades e a ação dos elementos que constituem nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-las ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria; sem o pensamento o espírito não seria espírito. A vontade não é um atributo especial do espírito; é o pensamento chegado a um certo grau de energia; é o pensamento transformado em força motriz. É pela vontade que o espírito imprime aos membros e ao corpo movimentos num determinado sentido. Mas, se tem a força de agir sobre os órgãos materiais, quanto maior não deve ser essa força sobre os elementos fluídicos que nos rodeiam! O pensamento atua sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode, pois, dizer-se com toda a verdade que há nesses fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembleia é um foco onde irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um produz a sua nota. Disto resulta uma imensidão decorrentes e de eflúvios fluídicos, dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas, assim como há raios sonoros harmônicos ou discordantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto for harmônico, a impressão é agradável; se discordante, a impressão será penosa. Ora, para isto, não é necessário que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não deixa de existir, quer seja ou não expressa. Se todas forem benéficas, os assistentes experimentarão um verdadeiro bem-estar e se sentirão à vontade; mas se se misturarem alguns pensamentos maus, produzirão o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta numa reunião simpática; aí reina uma espécie de atmosfera moral salubre, onde se respira à vontade; daí se sai reconfortado, porque aí nos impregnamos de eflúvios fluídicos salutares. Assim também se explicam a ansiedade e o mal-estar indefinível que se sente num meio antipático, onde os pensamentos malévolos provocam, a bem dizer, correntes fluídicas malsãs.

A comunhão de pensamentos produz, pois, uma sorte de efeito físico que reage sobre o moral; só o Espiritismo poderia fazê-lo compreender. O homem o sente instintivamente, já que procura as reuniões onde sabe encontrar essa comunhão. Nessas reuniões homogêneas e simpáticas haure novas forças morais; poder-se-ia dizer que aí recupera as perdas fluídicas perdidas diariamente pela irradiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

A esses efeitos da comunhão de pensamentos, junta-se um outro que é a sua consequência natural, e que importa não perder de vista: é o poder que adquire o pensamento ou a vontade, pelo conjunto dos pensamentos ou vontades reunidos. Sendo a vontade uma força ativa, esta força é multiplicada pelo número de vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número dos braços.

Estabelecido este ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos, haja, numa reunião onde reine perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva, que nem sempre possui o indivíduo isolado. Se, até o presente, as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de obter uma homogeneidade perfeita de pensamentos, que se deve à imperfeição da natureza humana na Terra. Quanto mais numerosas as reuniões, mais aí se mesclam elementos heterogêneos, que paralisam a ação dos bons elementos, e que são como grãos de areia numa engrenagem. Não sucede assim nos mundos mais adiantados, e tal estado de coisas mudará na Terra à medida que os homens se tornarem melhores.

\*\*\*

Para os espíritas, a comunhão de pensamentos tem um resultado ainda mais especial. Temos visto o efeito desta comunhão de homem a homem; prova-nos o Espiritismo que ele não é menor dos homens aos Espíritos, e reciprocamente. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem por objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos Espíritos maus; também vemos que a tática destes últimos é levar à divisão e ao isolamento. Sozinho, um homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade for corroborada por outras vontades poderá resistir, conforme o axioma: A união faz a força, axioma verdadeiro, tanto do ponto de vista moral, quanto do físico. Por outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos Espíritos bons será secundada; seus eflúvios fluídicos, não sendo detidos por correntes contrárias, espalhar-se-ão sobre os assistentes, precisamente porque todos os terão atraído pelo pensamento, não cada um em proveito pessoal, mas em benefício de todos, conforme a lei de caridade. Descerão sobre eles como línguas de fogo, para nos servirmos de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão de pensamentos os homens se assistem entre si e, ao mesmo tempo, assistem os Espíritos e são por estes assistidos. As relações entre os mundos visível e invisível não são mais individuais, mas coletivas e, por isto mesmo, mais poderosas em proveito das massas e dos indivíduos. Numa palavra, estabelecem a solidariedade, que é a base da fraternidade. Cada qual trabalha para todos, e não apenas para si; e trabalhando para todos, cada um aí encontra a sua parte. É o que o egoísmo não compreende.

Graças ao Espiritismo, compreendemos, então, o poder e os efeitos do pensamento coletivo; explicamo-nos melhor o sentimento de bem-estar que se experimenta num meio homogêneo e simpático; mas sabemos, igualmente, que se dá o mesmo com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benevolentes que para eles se elevam, como uma nuvem de perfume. Os que são felizes experimentam maior alegria por esse concerto harmonioso; os que sofrem sentem maior alívio.

Todas as reuniões religiosas, seja qual for o culto a que pertençam, são fundadas na comunhão de pensamentos; com efeito, é aí que podem e devem exercer a sua força, porque o objetivo deve ser a libertação do pensamento das amarras da matéria. Infelizmente, a maioria se afasta deste princípio à medida que a religião se torna uma questão de forma. Disto resulta que cada um, fazendo seu dever consistir na realização da forma, se julga quites com Deus e com os homens, desde que praticou uma fórmula. Resulta ainda que cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta



e, na maioria das vezes, sem nenhum sentimento de confraternidade em relação aos outros assistentes; fica isolado em meio à multidão e só pensa no céu para si mesmo.

Por certo não era assim que o entendia Jesus, ao dizer: “Quando duas ou mais pessoas estiverem reunidas em meu nome, aí estarei entre elas.” Reunidos em meu nome, isto é, com um pensamento comum; mas não se pode estar reunido em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, sua doutrina. Ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, palavras e ações. Mentem os egoístas e os orgulhosos, quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus não os conhece por seus discípulos.

Chocados por esses abusos e desvios, há pessoas que negam a utilidade das assembleias religiosas e, em consequência, adas edificações consagradas a tais assembleias. Em seu radicalismo, pensam que seria melhor construir asilos do que templos, uma vez que o templo de Deus está em toda parte e em toda parte pode ser adorado; que cada um pode orar em casa e a qualquer hora, enquanto os pobres, os doentes e os enfermos necessitam de lugar de refúgio.

Mas, porque cometeram abusos, porque se afastaram do reto caminho, devemos concluir que não existe o reto caminho e que tudo quanto se abusa seja mau? Não, certamente. Falar assim é desconhecer a fonte e os benefícios da comunhão de pensamentos, que deve ser a essência das assembleias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Concebe-se que os materialistas professem semelhantes ideias, já que em tudo fazem abstração da vida espiritual; mas da parte dos espiritualistas e, melhor ainda, dos espíritas, seria um contrassenso. O isolamento religioso, assim como o isolamento social, conduz ao egoísmo. Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, largamente dotados pelo coração, para que sua fé e caridade não necessitem ser revigoradas num foco comum, é possível; mas não é assim com as massas, por lhes faltar um estimulante, sem o qual poderiam se deixar levar pela indiferença. Além disso, qual o homem que poderá dizer-se bastante esclarecido para nada ter a aprender no tocante aos seus interesses futuros? bastante perfeito para abrir mão dos conselhos da vida presente? Será sempre capaz de instruir-se por si mesmo? Não; a maioria necessita de ensinamentos diretos em matéria de religião e de moral, como em matéria de ciência.

Incontestavelmente, tais ensinamentos podem ser dados em toda parte, sob a abóbada do céu, como sob a de um templo; mas por que os homens não haveriam de ter lugares especiais para as questões celestes, como os têm para as terrenas? Por que não teriam assembleias religiosas, como têm assembleias políticas, científicas e industriais? Aqui está uma bolsa onde se ganha sempre. Isto não impede as edificações em proveito dos infelizes. Dizemos, ademais, que haverá menos gente nos asilos, quando os homens compreenderem melhor seus interesses do céu.

Se as assembleias religiosas – falo em geral, sem aludir a nenhum culto – muitas vezes se têm afastado de seu objetivo primitivo principal, que é a comunhão fraterna do pensamento; se o ensino ali ministrado nem sempre tem acompanhado o movimento progressivo da Humanidade, é que os homens não progredem todos ao mesmo tempo. O que não fazem num período, fazem em outro; à proporção que se esclarecem, veem as lacunas existentes em suas instituições, e as preenchem; compreendem que o que era bom numa época, em relação ao grau de civilização, torna-se insuficiente numa etapa mais avançada, e restabelecem o nível. Sabemos que o Espiritismo é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, não exigindo de uma época mais do que ela pode dar. Como as plantas, é preciso que as ideias amadureçam, para que seus frutos sejam colhidos. Saibamos, além disso, fazer as necessárias concessões às épocas de transição, porque na Natureza nada se opera de maneira brusca e instantânea.

\*\*\*

Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembleias religiosas deve ser a comunhão de pensamentos; é que, com efeito, a palavra religião quer dizer laço. Uma religião, em sua acepção larga e verdadeira, é um laço que religa os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças; consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulado sem dogmas ou artigos de fé. É

nesse sentido que se diz: a religião política; entretanto, mesmo nesta acepção, a palavra religião não é sinônima de opinião; implica uma ideia particular: a de fé conscienciosa; eis por que se diz também: a fé política. Ora, os homens podem filiar-se, por interesse, a um partido, sem ter fé nesse partido, e a prova é que o deixam sem escrúpulo, quando encontram seu interesse alhures, ao passo que aquele que o abraça por convicção é inabalável; persiste à custa dos maiores sacrifícios, e é a abnegação dos interesses pessoais a verdadeira pedra-de-toque da fé sincera. Todavia, se a renúncia a uma opinião, motivada pelo interesse, é um ato de desprezível covardia, é, não obstante, respeitável, quando fruto do reconhecimento do erro em que se estava; é, então, um ato de abnegação e de razão. Há mais coragem e grandeza em reconhecer abertamente que se enganou, do que persistir, por amor-próprio, no que se sabe ser falso, e para não sedar um desmentido a si próprio, o que acusa mais obstinação do que firmeza, mais orgulho do que razão, e mais fraqueza do que força. É mais ainda: é hipocrisia, porque se quer parecer o que não se é; além disso é uma ação má, porque é encorajar o erro por seu próprio exemplo.

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato descompromissos materiais, que se rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito.

O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunhão de vistas e de sentimentos, fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.

Se é assim, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores! No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

Por que, então, temos declarado que o Espiritismo não é uma religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí mais que uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião se levantou.

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.

As reuniões espíritas podem, pois, ser feitas religiosamente, isto é, com o recolhimento e o respeito que comporta a natureza grave dos assuntos de que se ocupa; pode-se mesmo, na ocasião, aí fazer preces que, em vez de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem que, por isto, sejam tomadas por assembleias religiosas. Não se pense que isto seja um jogo de palavras; a nuance é perfeitamente clara, e a aparente confusão não provém senão da falta de uma palavra para cada ideia.

Qual é, pois, o laço que deve existir entre os espíritas? Eles não estão unidos entre si por nenhum contrato material, por nenhuma prática obrigatória. Qual o sentimento no qual se deve confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para com todos ou, em outras palavras: o amor do próximo, que compreende os vivos e os mortos, pois sabemos que os mortos sempre fazem parte da Humanidade.

\*\*\*

A caridade é a alma do Espiritismo; ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes, razão por que se pode dizer que não há verdadeiro espírita sem caridade.

Mas a caridade é ainda uma dessas palavras de sentido múltiplo, cujo inteiro alcance deve ser bem compreendido; e se os Espíritos não cessam de pregá-la e defini-la, é que, provavelmente, reconhecem que



isto ainda é necessário. O campo da caridade é muito vasto; compreende duas grandes divisões que, em falta de termos especiais, podem designar-se pelas expressões Caridade beneficente e caridade benevolente.

Compreende-se facilmente a primeira, que é naturalmente proporcional aos recursos materiais de que se dispõe; mas a segunda está ao alcance de todos, do mais pobre como do mais rico. Se a beneficência é forçosamente limitada, nada além da vontade poderia estabelecer limites à benevolência.

O que é preciso, então, para praticar a caridade benevolente? Amar ao próximo como a si mesmo. Ora, se se amar ao próximo tanto quanto a si, amar-se-o-á muito; agir-se-á para com outrem como se queresse que os outros agissem para conosco; não se quererá nem se fará mal a ninguém, porque não quereríamos que no-lo fizessem.

Amar ao próximo é, pois, abjurar todo sentimento de ódio, de animosidade, de rancor, de inveja, de ciúme, de vingança, numa palavra, todo desejo e todo pensamento de prejudicar; é perdoar aos inimigos e retribuir o mal com o bem; é ser indulgente para as imperfeições de seus semelhantes e não procurar o argueiro no olho do vizinho, quando não se vê a trave no seu; é esconder ou desculpar as faltas alheias, em vez de se comprazer em as pôr em relevo, por espírito de maledicência; é ainda não se fazer valer à custa dos outros; não procurar esmagar ninguém sob o peso de sua superioridade; não desprezar ninguém pelo orgulho. Eis a verdadeira caridade benevolente, a caridade prática, sem a qual a caridade é palavra vã; é a caridade do verdadeiro espírita, comodo verdadeiro cristão; aquela sem a qual aquele que diz: Fora da caridade não há salvação, pronuncia sua própria condenação, tanto neste quanto no outro mundo.

Quantas coisas haveria a dizer sobre este assunto! Que belas instruções não nos dão os Espíritos incessantemente! Não fosse o receio de alongar-me em demasia e de abusar de vossa paciência, senhores, seria fácil demonstrar que, em se colocando no ponto de vista do interesse pessoal, egoísta, se se quisesse, porque nem todos os homens estão ainda maduros para uma completa abnegação, para fazer o bem unicamente por amor do bem, digo que seria fácil demonstrar que têm tudo a ganhar em agir deste modo, e tudo a perder agindo diversamente, mesmo em suas relações sociais; depois, o bem atrai o bem e a proteção dos Espíritos bons; o mal atrai o mal e abre a porta à malevolência dos maus. Mais cedo ou mais tarde o orgulhoso será castigado pela humilhação, o ambicioso pelas decepções, o egoísta pela ruína de suas esperanças, o hipócrita pela vergonha de ser desmascarado; aquele que abandona os Espíritos bons por estes é abandonado e, de queda em queda, finalmente se vê no fundo do abismo, ao passo que os Espíritos bons erguem e amparam aquele que, nas maiores provações, não deixa de se confiar à Providência e jamais se desviado reto caminho; aquele, enfim, cujos secretos sentimentos não dissimulam nenhum pensamento oculto de vaidade ou de interesse pessoal. Assim, de um lado, ganho assegurado; do outro, perda certa; cada um, em virtude do seu livre-arbítrio, pode escolher a sorte que quer correr, mas não poderá queixar-se senão de si mesmo pelas consequências de sua escolha.

Crer num Deus Todo-Poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; na preexistência da alma como única justificação do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento intelectual e moral; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na felicidade crescente com a perfeição; na equitativa remuneração do bem e do mal, segundo o princípio: a cada um segundo as suas obras; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada à da imperfeição; no livre-arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; na solidariedade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados; considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterno; aceitar corajosamente as provações, em vista de um futuro mais invejável que o presente; praticar a caridade em pensamentos, em palavras e obras na mais larga acepção do termo; esforçar-se cada dia para ser melhor que na véspera, extirpando toda imperfeição de sua alma; submeter todas as crenças ao controle do livre-exame e da razão, e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam, e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas descobertas da Ciência, a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus: eis o Credo, a religião do Espiritismo, religião que se pode conciliar com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus. É o laço que deve unir todos





os espíritas numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ligue todos os homens sob a bandeirada fraternidade universal.

Com a fraternidade, filha da caridade, os homens viverão em paz e se pouparão males inumeráveis, que nascem da discórdia, por sua vez filha do orgulho, do egoísmo, da ambição, da inveja e de todas as imperfeições da Humanidade.

O Espiritismo dá aos homens tudo o que é preciso para a sua felicidade aqui na Terra, porque lhes ensina a se contentarem com o que têm. Que os espíritas sejam, pois, os primeiros a aproveitar os benefícios que ele traz, e que inaugurem entre si o reino da harmonia, que resplandecerá nas gerações futuras.

Os Espíritos que nos cercam aqui são inumeráveis, atraídos pelo objetivo que nos propusemos ao nos reunirmos, a fim de dar aos nossos pensamentos a força que nasce da união. Ofereçamos aos que nos são caros uma boa lembrança e o penhor de nossa afeição, encorajamentos e consolações aos que deles necessitem. Façamos de modo que cada um recolha a sua parte dos sentimentos de caridade benevolente, de que estivermos animados, e que esta reunião dê os frutos que todos têm o direito de esperar.

## Texto 25: O avarento da rua do forno - janeiro/1869

O jornal *Petite Presse*, de 19 de novembro de 1868, reproduzia o fato seguinte, conforme o *Droit*: “Numa miserável mansarda da rua do Four-Saint-Germain, vivia pobrementemente um indivíduo de certa idade, chamado P... Não recebia ninguém; ele mesmo preparava a comida, muito mais frugal que a de um anacoreta. Coberto de roupas sórdidas, dormia num catre ainda mais repugnante. De magreza extrema, parecia mirrado pelas privações de toda sorte e em geral era considerado como vítima da mais profunda miséria.

Entretanto, um cheiro fétido tinha começado a espalhar-se na casa. Aumentou de intensidade e acabou por atingir um pequeno restaurante, situado no pavimento térreo, a ponto de os consumidores se queixarem.

Procuraram, então, a causa desses miasmas e a acabaram descobrindo que provinham do alojamento ocupado pelo senhor P...

Esta descoberta fez lembrar que esse homem há tempos não era visto e, temendo que lhe houvesse sucedido uma desgraça, apressaram-se em avisar o comissário de polícia do bairro.

Imediatamente a autoridade judiciária foi ao local e mandou um serralheiro abrir a porta. Mas, assim que quiseram entrar no quarto, quase se sufocaram e tiveram de se retirar prontamente. Só depois de ter deixado por algum tempo entrar o ar do exterior é que puderam entrar e proceder às constatações com os devidos cuidados.

Um triste espetáculo ofereceu-se ao comissário e ao médico que o acompanhava. Estendido sobre o leito, o corpo do Sr. P... encontrava-se em estado de completa putrefação; estava coberto de moscas-varejeiras e milhares de vermes roíam as carnes, que caíam aos pedaços.

O estado de decomposição não permitiu reconhecer com exatidão a causa da morte, que ocorrera há bastante tempo, mas a ausência de qualquer traço de violência fez pensar que se deveu a uma causa natural, como uma apoplexia ou uma congestão cerebral. Aliás, encontraram num móvel uma soma de cerca de 35.000 francos, tanto em numerário quanto em ações, obrigações industriais e valores diversos.

Depois das formalidades ordinárias, apressaram-se em retirar os restos humanos e desinfetar o local. O dinheiro e os valores foram selados e recolhidos.”

Tendo sido evocado na Sociedade de Paris, esse homem deu a seguinte comunicação:

(Sociedade de Paris, 20 de novembro de 1868 – Mèdium: Sr. Rul.)

Perguntais por que me deixei morrer de fome, quando possuía um tesouro? De fato, 35.000 francos são uma fortuna! Ai! senhores, sois muito instruídos sobre o que se passa em torno de vós, para não compreender que eu sofria provas, e meu fim diz bastante que fali. Com efeito, numa existência anterior eu tinha lutado com energia contra a pobreza, que não havia dominado senão por prodígios de atividade, de energia e de perseverança. Vinte vezes estive a ponto de me ver privado do fruto de meu rude labor. Por isso, não fui sensível com os pobres, que enxotava quando se apresentavam em minha casa. Reservava tudo quanto ganhava para minha família, minha mulher e meus filhos.

Escolhi para prova, nesta nova existência, ser sóbrio, moderado nos gostos e partilhar minha fortuna com os pobres, meus irmãos deserdados. Mantive a palavra? Vedes o contrário; porque fui muito sóbrio, temperante, mais que temperante. Mas não fui caridoso. Meu fim desventurado foi apenas o começo de meus sofrimentos, mais duros, mais penosos neste momento, quando vejo com os olhos do Espírito. Assim, não teria tido a coragem de me apresentar a vós, se não me tivessem assegurado que sois bons, compassivos com a desgraça; venho pedir que orais por mim. Aliviai meus sofrimentos, vós que conheceis os meios de tornar os sofrimentos menos pungentes; orai por vosso irmão que sofre e que deseja voltar a sofrer muito mais ainda!

Piedade, meu Deus! piedade para o ser fraco que faliu. E vós, senhores, compaixão por vosso irmão, que se recomenda às vossas preces.



## Texto 26: Suicídio por obsessão - janeiro/1869

Lê-se no Droit:

“O Sr. Jean-Baptiste Sadoux, fabricante de canoas em Joinville-le-Pont, a viu ontem um jovem que, depois de ter vagueado por algum tempo sobre a ponte, subiu no parapeito e se jogou no Marne. Imediatamente foi em seu socorro e, ao cabo de sete minutos, retirou-o. Mas a asfixia já era completa, tendo sido infrutíferas todas as tentativas feitas para reanimar aquele infeliz.

Uma carta encontrada com ele revelou tratar-se do Sr. Paul D..., de vinte e dois anos, residente à rua Sedaine, em Paris. A carta, dirigida pelo suicida ao seu pai, era extremamente tocante. Pedia-lhe perdão por o abandonar e dizia que havia dois anos era dominado por uma ideia terrível, por uma irresistível vontade de se destruir. Acrescentava que lhe parecia ouvir fora da vida uma voz que o chamava sem tréguas e, malgrado todos os seus esforços, não podia impedir-se de ir para ela. Encontraram, também, no bolso do paletó, uma corda nova, na qual tinha sido feito um nó corredio. Depois do exame médico-legal, o corpo foi entregue à família.”

A obsessão aqui está bem evidente e, o que não o está menos, é que o Espiritismo lhe é completamente estranho, nova prova de que esse mal não é inerente à crença. Mas, se o Espiritismo nada tem a ver com o caso, só ele pode dar a sua explicação.

Eis a instrução dada a respeito por um dos nossos Espíritos familiares, e da qual ressalta que, malgrado o arrastamento a que o jovem cedeu para a sua infelicidade, não sucumbiu à fatalidade. Tinha o seu livre-arbítrio e, com mais vontade, poderia ter resistido. Se tivesse sido espírita, teria compreendido que a voz que o solicitava não podia ser senão a de um Espírito mau e as consequências terríveis de um instante de fraqueza.

(Paris – Grupo Desliens, 20 de dezembro de 1868 – Médiun: Sr. Nivard)

A voz dizia: Vem! vem! Mas essa voz do tentador teria sido ineficaz, se a ação direta do Espírito não se tivesse feito sentir. O pobre suicida era chamado e era impelido. Por quê? Seu passado era a causa da situação dolorosa em que se achava; apegava-se à vida e temia a morte. Mas, pergunto, nesse apelo incessante que ouvia, encontrou força? Não; hauriu a fraqueza que o perdeu. Superou os temores, porque, enfim, esperava encontrar do outro lado da vida o repouso que o lado de cá lhe negava. Foi enganado: o repouso não veio. As trevas o cercam, sua consciência lhe censura o ato de fraqueza e o Espírito que o arrastou escarnece ao seu redor e o criva de motejos constantes. O cego não o vê, mas escuta a voz que lhe repete: Vem! vem! E depois zomba de suas torturas.

A causa deste caso de obsessão está no passado, como acabo de dizer; o próprio obsessor foi impelido ao suicídio por esse que acaba de fazer cair no abismo. Era sua mulher na existência precedente e tinha sofrido consideravelmente com a devassidão e as brutalidades de seu marido. Muito fraca para aceitar com resignação e coragem a situação que lhe era dada, buscou na morte um refúgio contra seus males. Vingou-se depois, e sabeis como.

Entretanto, o ato desse infeliz não era fatal; tinha aceito os riscos da tentação; esta era necessária ao seu adiantamento, porque só ela podia fazer desaparecer a mancha que havia sujado sua existência anterior. Aceitara seus riscos com a esperança de ser mais forte e se havia enganado: sucumbiu. Recomeçará mais tarde; resistirá? Isto dependerá dele.

Rogai a Deus por ele, a fim de que lhe dê a calma e a resignação de que tanto necessita, a coragem e a força para não falir nas provas que tiver de suportar mais tarde. *Louis Nivard*

## Texto 27: Obsessões simuladas - janeiro/1869

Esta comunicação nos foi dada a propósito de uma senhora que deveria vir pedir conselhos para uma obsessão, e a respeito da qual tínhamos julgado dever previamente aconselhar-nos com os Espíritos.

“A piedade pelos que sofrem não deve excluir a prudência, e poderia ser imprudência estabelecer relações com todos os que se apresentam a vós, sob o império de uma obsessão real ou fingida. É ainda uma prova pela qual deverá passar o Espiritismo, e que lhe servirá para se desembaraçar de todos os que, por sua natureza, perturbassem o seu caminho. Ultrajaram, ridicularizam os espíritos; quiseram amedrontar aqueles a quem a curiosidade atrai para vós, colocando-vos sob o patrocínio de satanás. Nada disto teve êxito; antes de se render, querem assestar uma última bateria, pronta para abrir fogo, que, como todas as outras, redundará em vosso proveito. Não podendo mais vos acusar de contribuir para o incremento da alienação mental, enviam-vos verdadeiros obsedados, diante dos quais esperam que fracasseis, e obsedados simulados, que naturalmente vos seria impossível curar de um mal imaginário. Tudo isto em nada deterá o vosso progresso, mas com a condição de agir com prudência e aconselhar os que se ocupam dos tratamentos obsessivos a consultarem os seus guias, não só quanto à natureza do mal, mas sobre a realidade das obsessões que poderiam ter que combater. Isto é importante, e aproveito a ideia que vos foi sugerida, de antes pedir um conselho, para vos recomendar a agir sempre assim no futuro.

Quanto a essa senhora, é sincera e realmente sofredora, mas atualmente nada se pode fazer por ela, a não ser aconselhar que peça, pela oração, a calma e a resignação para suportar corajosamente sua prova. Não lhe faltam instruções dos Espíritos; seria mesmo prudente afastá-la de toda ideia de correspondência com eles, e aconselhá-la a se entregar inteiramente aos cuidados da medicina oficial.

*Doutor Demeure*

Observação de Kardec: Não é só contra as obsessões simuladas que é prudente nos precavermos, mas contra os pedidos de comunicações de toda sorte, evocações, conselhos de saúde, etc. Que poderiam ser armadilhas estendidas à boa-fé, de que poderia servir-se a malevolência. Convém, pois, não aceder aos pedidos desta natureza senão com conhecimento de causa, e em relação a pessoas conhecidas ou devidamente recomendadas. Os adversários do Espiritismo veem com desgosto o desenvolvimento que toma, contrariamente às suas previsões, e espreitam ou provocam as ocasiões de o pilhar em falta, seja para o acusar, seja para ridicularizá-lo. Em semelhante caso, é melhor pecar por excesso de circunspeção do que por imprevidência.

## Texto 28: Um Espírito que se julga proprietário - fevereiro/1869

Em casa de um dos membros da Sociedade de Paris, que faz reuniões espíritas, desde algum tempo vinham bater à porta, mas, quando iam abrir, não encontravam ninguém. Os toques de campainha eram dados com força e como que por alguém que estivesse resolvido a entrar. Tendo sido tomadas todas as precauções para assegurar-se de que o fato não se devia nem a uma causa accidental, nem à malevolência, concluiu-se que deveria ser uma manifestação. Num dia de sessão o dono da casa pediu ao visitante invisível que se desse a conhecer e dissesse o que desejava.

Eis as duas comunicações que deu:

I

(Paris, 22 de dezembro de 1868)

Agradeço-vos, senhor, o amável convite para tomar a palavra, e já que me encorajais, vencerei minha timidez para vos externar francamente o meu desejo.

Inicialmente, devo dizer que nem sempre fui rico. Nasci pobre e, se venci, devo-o apenas a mim. Não vos direi, como tantos outros, que cheguei a Paris de tamancos; é uma velha lengalenga que não pega mais; mas eu tinha o ardor e o espírito do especulador por excelência. Quando menino, se eu emprestava três bolas de bilhar, tinham que me devolver quatro. Negociava com tudo o que tinha e ficava feliz ao ver pouco a pouco o meu tesouro crescer. É verdade que circunstâncias infelizes me despojaram várias vezes; eu era fraco; outros, mais fortes, apoderavam-se de meus ganhos e eu tinha que recomeçar tudo. Mas eu era perseverante.

Pouco a pouco deixei a infância; minhas ideias cresceram. Menino, tinha explorado meus camaradas; moço, explorava os companheiros de oficina. Fazia corridas; era amigo de todo o mundo, mas fazia pagar meu trabalho e minha amizade.

“Ele é bem complacente, mas não se lhe deve falar em dar.” He! he! é assim que se chega. Ide, pois, ver esses belos filhos de hoje, que gastam tudo o que possuem no jogo e no café! arruinam-se e se endividam, de alto a baixo da escala. Eu deixava que os outros corressem como loucos, às cambalhotas; eu andava lentamente, com prudência; por isso cheguei ao porto e adquiri uma fortuna considerável.

Eu era feliz; tinha mulher e filhos; ela, um tanto coquete, os outros, gastadores. Pensava que com a idade tudo isto desaparecesse; mas não. Entretanto, eu os mantive por muito tempo em rédea curta. Mas um dia adoeci. Chamaram o médico que, sem dúvida, fez muito mal à minha bolsa; depois... perdi os sentidos... Quando recobrei a razão, tudo ia às mil maravilhas! Minha mulher recebia visitas; meus filhos tinham carruagens, cavalos, domésticos, mordomos, que sei eu! todo um exército voraz que se atirou sobre o meu pobre patrimônio, tão penosamente adquirido, para o esbanjar.

Entretanto, logo percebi que a desordem estava organizada; não gastavam senão as rendas, mas gastavam largamente. Eram bastante ricos; não precisavam mais capitalizar, como o bom velho; era preciso gozar, e não entesourar... E eu ficava boquiaberto, sem saber o que dizer, porque, se erguia a voz, não era ouvido; fingiam não me ver. Sou uma nulidade; os criados ainda não me enxotaram, embora o meu costume não esteja em harmonia com o luxo dos apartamentos; mas não me prestam atenção. Sento-me, levanto-me, esbarro nos visitantes, detenho os criados; parece que nada sentem. Contudo, tenho vigor, espero que o possais testemunhar, vós que me ouvistes tocar. Creio que é de propósito; sem dúvida querem que eu enlouqueça, para se livrem de mim.

Tal era minha situação, quando vim visitar uma de minhas casas. Velho hábito que ainda conservo, embora não seja mais o dono; mas vi construir tudo. Foram os meus escudos que pagaram tudo; e eu gosto dessas casas, cuja renda enriquece meus filhos ingratos.

Assim, cá eu estava em visita, quando soube que espíritas aqui se reuniam. Isto me interessou. Inquiri-me sobre o Espiritismo e soube que os espíritas pretendiam explicar todas as coisas. Como minha situação me parece pouco clara, não me desgostaria se recebesse, a respeito, o conselho dos Espíritos. Nem sou um incrédulo, nem um curioso; tenho vontade de ver e crer, ser esclarecido e, se me reconduzirdes à



posição de governar tudo em minha casa, palavra de proprietário, não subirei o vosso aluguel enquanto viver.

### II

(Paris, 29 de dezembro de 1868)

Dizeis que estou morto? Mas pensais bem no que dizeis?... Pretendeis que meus filhos não me veem, nem me escutam; mas vós me vedes e me escutais, já que entráis em conversação comigo? já que abris a porta quando toco? já que interrogais e eu respondo?... Escutai, vejo o que há: sois menos fortes do que eu pensava, e como os vossos Espíritos nada podem dizer, quereis confundir-me, fazendo-me duvidar de minha razão... Tomais-me por uma criança? Se eu tivesse morrido, seria um Espírito como eles e os veria; mas não vejo nenhum e ainda não me pusestes em contato com eles.

Há, contudo, uma coisa que me intriga. Dizei-me, pois, por que escreveis tudo o que digo? Por acaso quereis trair-me? Dizem que os espíritas são loucos; pensais, talvez, em dizer aos meus filhos que me ocupo de Espiritismo, dando-lhes, assim, meios de me interditar?

Mas ele escreve, escreve!... Mal acabei de pensar e minhas ideias já estão no papel... Tudo isto não está claro!... O que é certo é que vejo, falo, respiro, ando, subo escadas e, graças a Deus, percebo claramente que é no quinto andar que habitais... Não é caridoso brincar assim com as penas dos outros. Sofro; não posso mais e pretendem fazer-me crer que não tenho mais corpo?... Creio que sinto bem a minha asma!... Quanto aos que me disseram que não era senão o Espiritismo, pois bem! são pessoas como vós, minhas conhecidas, que eu tinha perdido de vista e que encontrei desde a minha doença!

Oh! mas... é singular!... Oh! por exemplo, não existo mais; absolutamente!... Mas, parece-me... Oh! minha memória que se vai... sim... não... mas sim... palavra que estou louco... Falei a pessoas que julgava mortas e enterradas há oito ou dez anos... Por deus! Eu assisti aos enterros; fiz negócios com os herdeiros!... É realmente estranho!... E elas falam! Andam... conversam!... sentem o seu reumatismo!... falam da chuva e do bom tempo... tomam do meu tabaco e me apertam a mão!

Mas, então, eu!... Não, não, não é possível! Eu não estou morto! Não se morre assim, sem se dar conta... Ainda estive no cemitério, justamente no fim de minha doença... era um parente... meu filho estava de luto... minha mulher lá não estava, mas chorava... Eu o acompanhei, pobre querido... Mas, quem era, então?... Na verdade não sei... Que perturbação estranha me agita!... Seria eu?... Mas não; pois se eu acompanhava o corpo, não podia estar no caixão... Estar lá, e lá no fundo!... e, contudo!... como tudo isto é estranho!... que labirinto confuso!... Não me digais nada; quero procurar só; vós me perturbais... Deixai-me; eu voltarei... Decididamente, parece que sou um fantasma!... Oh! que coisa singular!

## Texto 29: O exemplo é o mais poderoso agente de propagação

**(mensagem ditada pelo espírito de Allan Kardec)  
Sociedade de Paris, sessão de 30 de abril 1869**

Venho esta noite, meus amigos, falar-vos por alguns instantes. Na última sessão não respondi; estava ocupado alhures. Nossos trabalhos como Espíritos são muito mais extensos do que podeis supor e os instrumentos de nossos pensamentos nem sempre estão disponíveis. Tenho ainda alguns conselhos a vos dar quanto à marcha que deveis seguir perante o público, com o objetivo de fazer progredir a obra a que devotei a minha vida corporal, e cujo aperfeiçoamento acompanho na erraticidade.

O que vos recomendo principalmente e antes de tudo, é a tolerância, a afeição, a simpatia de uns para com os outros e também para com os incrédulos.

Quando vedes um cego na rua, o primeiro sentimento que se impõe é a compaixão. Que assim seja, também, para com os vossos irmãos cujos olhos estão velados pelas trevas da ignorância ou da incredulidade; lamentai-os, em vez de os censurar. Mostrai, por vossa doçura, a vossa resignação em suportar os males desta vida, a vossa humildade em meio às satisfações, vantagens e alegrias que Deus vos envia; mostrai que há em vós um princípio superior, uma alma obediente a uma lei, a uma verdade também superior: o Espiritismo.

As brochuras, os jornais, os livros, as publicações de toda sorte são meios poderosos de introduzir a luz por toda parte, mas o mais seguro, o mais íntimo e o mais acessível a todos é o exemplo na caridade, a doçura e o amor.

Agradeço à Sociedade por ajudar os verdadeiros infelizes que lhe são indicados. Eis o bom Espiritismo, eis a verdadeira fraternidade. Ser irmãos: é ter os mesmos interesses, os mesmos pensamentos, o mesmo coração!

Espíritas, sois todos irmãos na mais santa acepção do termo. Pedindo que vos ameis uns aos outros, não faço senão lembrar a divina palavra daquele que, há mil e oitocentos anos, trouxe à Terra pela primeira vez o germen da igualdade. Segui a sua lei: ela é a vossa; nada fiz do que tornar mais palpáveis alguns de seus ensinamentos. Obscuro operário daquele mestre, daquele Espírito superior emanado da fonte de luz, refleti essa luz como o relâmpago reflete a claridade de uma estrela. Mas a estrela brilha nos céus e o relâmpago brilha na Terra, nas trevas. Tal é a diferença.

Continuai as tradições que vos deixei ao partir. Que o mais perfeito acordo, a maior simpatia e a mais singular abnegação reinem no seio da Comissão. Espero que ela saiba cumprir com honra, fidelidade e consciência o mandato que lhe é confiado.

Ah! quando todos os homens compreenderem o que encerram as palavras amor e caridade, não mais haverá na Terra soldados e inimigos; só haverá irmãos; não mais haverá olhares irritados e selvagens; só haverá fronteiras inclinadas para Deus!

Até logo, caros amigos, e ainda obrigado, em nome daquele que não esquece o copo d'água e o óbolo da viúva.